

teológica

“ECUMENISMO”

**Ano II
Número 3
Janeiro
1969**

Ecumenismo e União

A “Consulta sôbre a União das Igrejas”, em sua reunião de 27 de março, votou escrever um anteprojeto de união para 25 milhões de protestantes nos E.U.A. O texto dêsse projeto que unirá nove denominações deverá estar pronto até princípios de 1969 ou 1970 ao mais tardar. A união deverá efetuar-se dentro de dois anos.

Esta consulta sôbre união é resultado concreto do sermão “Proposta para a Reunião da Igreja de Cristo” proferido em 1960 por Eugene Carson Blake na igreja do Bispo Pike. Blake, então Secretário do concílio supremo da Igreja Presbiteriana, é hoje o Secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas. Blake propusera uma união entre presbiterianos, metodistas, episcopais e a Igreja de Cristo. No decorrer dos anos mais cinco denominações se uniram a estas quatro.

Com seus 25 milhões de membros esta super-denominação será maior do que todos os batistas americanos juntos (23 milhões), mas ainda menor do que a Igreja Católica Romana (47,4 milhões).

—o0o—

A IV Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas reuniu-se agora em Upsália em Julho. Além dos 800 delegados, que representavam as 223 denominações membras do Conselho, estavam presentes cerca de 500 observadores, mais uns 200 elementos do secretariado do Conselho.

Dois assuntos indicam o interesse especial desta Assembléia: o mandato social da Igreja e as relações com a Igreja Romana. Não concordamos quando o panfleto preparatório diz que “os teólogos estão descobrindo que só têm valor para as necessidades do mundo moderno os estudos que estão estreitamente relacionados com outras disciplinas universitárias, por exemplo, as ciências sociais” (p. 10). Páginas 11 e 12 do mesmo não escondem a alegria da liderança do Conselho Mundial quanto à aproximação entre ele e a Igreja de Roma. A própria Assembléia ratificou plenamente estas direções tomadas pelo secretariado do Conselho Mundial de Igrejas.

Os Batistas e o Movimento Ecumênico

Thurmon Earl Bryant

No dia 25 de abril de 1962 o Secretário Geral da Aliança Batista Mundial, Dr. Josef Nordenhaug, recebeu uma carta do Monsenhor J.G.M. Willebrands, Secretário do Secretariado do Vaticano para Promoção da União Cristã, indagando as possibilidades da Aliança Batista Mundial enviar um observador, se esta fôsse oficialmente convidada, ao Concílio Vaticano II. Tal carta foi notificada à Comissão Executiva da Aliança em sua assembléia na Noruega no dia 22 de agosto. A Comissão não chegou a um acôrdo de opinião e resolveu responder da sua impossibilidade de "estimular um convite oficial." Contudo, ela afirmou "às autoridades da Igreja Católica Romana das suas esperanças e orações que o próximo Concílio contribua à compreensão cada vez mais da vontade de Deus e da unidade de Seu povo."¹

A atitude revelada pela Comissão Executiva da Aliança Batista Mundial em face da indagação feita por Monsenhor Willebrand reflete o que tem sido de modo geral a posição tradicional dos batistas quanto aos movimentos ecumênicos. Nota-se que aquela

não foi a primeira vez que os batistas foram chamados para pronunciarem-se sobre o assunto, e, certamente, não será a última. Também, observa-se que a nossa posição não declara de maneira nenhuma que o assunto não nos importa. Pelo contrário, os batistas no mundo inteiro revelam um vivo interesse ecumênico, quer seja católico ou evangélico. Além do mais, creio eu que os batistas têm uma grande contribuição a fazer ao Cristianismo Mundial através de nossas doutrinas, nossa liderança consagrada e capaz, nosso número, nossa técnica e nosso fervor evangélico. Cabe-nos nesta altura, quando os cristãos em tôda parte estão voltados para êste assunto, descobrir como podemos mais efetivamente fazer tal contribuição.

ECUMENISMO EM PERSPECTIVA

Antes de mostrar como os batistas têm reagido ao ecumenismo através dos anos e antes de sugerir alguns princípios que servem como diretrizes ao tomarmos a nossa posição, convém estabelecer uma perspectiva histórica sobre o assunto.

A palavra "ecumenismo" não é um vocábulo nôvo na história do Cristianismo, mas sim para os batistas da nossa geração. Rara-

¹Ata da reunião da Comissão Executiva da Aliança Batista Mundial realizada no Colégio Batista de Stabeck, Oslo, Noruega em 20-22 de agosto de 1962, p. 15.

mente aparece na literatura batista durante os séculos precedentes ao nosso. Poucas vezes aparece nos escritos dos anabatistas do século dezesseis. Do apelo de Lutero para um concílio ecumênico em Leipzig em 1519 até a Conferência Missionária Internacional em Edimburgo em 1910, os protestantes praticamente abandonaram o termo. A Igreja Católica Romana continuava convocando concílios que denominava "ecumênicos", mas nem Roma preocupava-se com tais concílios durante quase cem anos antes de 1961. Portanto, o interesse ecumênico, que é um dos fenômenos do Cristianismo atual, foi criado recentemente.

A palavra "ecumênico" (*oikoumene*) quer dizer "o mundo inteiro habitado." Refere-se ao mundo no sentido dos seus habitantes.² Roma aproveitou o termo para denominar os seus concílios eclesiásticos desde o Concílio de Nicéia (325 D.C.). Assim a palavra para Roma refere-se "a Igreja inteira." Desde 1910 a palavra tem sido usada para descrever o movimento protestante iniciado na Conferência Missionária Internacional em Edimburgo que visa a união dos cristãos. Assim, o Conselho Mundial de Igrejas e as organizações a ele filiadas herdaram um termo ao qual deram uma nova conotação.

Devemos observar que a Igreja Romana não pensa a mesma coisa que muitos protestantes pensam quando usam o termo "ecumênico." Muitos pensam que o Papa João XXIII dera o pri-

meiro passo para a aproximação mais feliz com os protestantes e outros cristãos fora da Igreja de Roma quando começou a falar num Concílio Ecumênico. Não há dúvida que o Papa, que tinha uma formação cosmopolita por ter servido a Igreja em muitos lugares com bastante habilidade diplomática, propositadamente queria deixar tal impressão com os não Católicos. Isto é evidente no uso de frases cuidadosamente escolhidas por ele como "irmãos separados." Para o Católico Romano os termos "católico" e "ecumênico" são sinônimos. Portanto, quando Roma é mais agressiva no seu desempenho missionário, ela é mais "católica," isto é, mais "ecumênica." Muitos acham que o Segundo Concílio Vaticano era mais um passo na concretização do ideal de formar uma Igreja Universal que seria composta das igrejas Anglicana, Ortodoxa, Protestante e outras fora dessas Igrejas e a Igreja Romana. Porém, a Igreja Católica sempre tem condenado movimentos dessa natureza.³ Para ela o ideal do ecumenismo é de tornar o cristianismo mais Católico, trazendo os "dissidentes (irmãos separados) batizados para a unidade do Corpo de Cristo, que envolve sua aceitação da fé e comunhão da Sé de Pedro e da Igreja Católica..."⁴ O Papa João XXIII declarou isto quando esboçou a finalidade do Concílio na encíclica, *Ad Petri Cathedram* em 29 de junho de 1959:

²Arndt, William F. e Gingrich, F. Wilbur, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, p. 564.

³Hanahoe, Edward Francis. *Catholic Ecumenism*, Washington: The Catholic University Press, 1953, p. 52.

⁴*Ibid.*, p. 52.

“Haverá um rebanho e um pastor” (João 10:16). Esta segurança irresistível foi o motivo que nos coagiu para anunciar publicamente nossa resolução de convocar um Concílio Ecumênico. Bispos virão conjuntamente de todos os cantos do mundo para discutir assuntos religiosos importantes. Mas os tópicos de maior expressão serão aqueles que tratam da expansão da fé católica, o reavivamento dos padrões cristãos da moralidade e da atualização da disciplina eclesiástica para atender as necessidades e condições dos nossos dias. Isto em si há de fornecer um exemplo marcante da verdade, unidade e amor. Que aqueles que estão separados da Sé Apostólica, ao contemplarem a manifestação da unidade, derivem dela a inspiração para buscar aquela unidade pela qual Jesus Cristo orou tão ardentemente ao seu Pai Celestial.”⁵

Verifica-se, então, que Roma, quando fala em ecumenismo, entende nada mais do que a expansão do seu domínio no mundo e a volta para a Igreja Mãe dos “irmãos separados.” Portanto, nós os batistas, para compreendermos a linguagem da Igreja Romana, temos que permitir que ela mesma dê a interpretação daquilo que fala. Assim, entendemos que o “ecumenismo” inclui todos os movimentos e organizações que procuram promover a união do cristianismo e que a Igreja Católica Romana entende que essa união

seja sob sua égide. Consequentemente, o termo para nós inclui o Conselho Mundial de Igrejas tanto como outras organizações semelhantes: O Concílio Vaticano II, Confederações Evangélicas, e as organizações inspiradas e lideradas pelos grupos Fundamentalistas. A fusão de denominações como a Igreja Unida do Canadá e a Igreja do Sul da Índia é, também, incluída. No entanto, devemos anotar que durante os últimos anos o espírito ecumênico tem sido incorporado principalmente no Conselho Mundial de Igrejas e nas igrejas a ele filiadas. Convém, agora, observar qual a atitude dos batistas diante do desafio apresentado pelo ecumenismo.

OS BATISTAS DIANTE DOS MOVIMENTOS ECUMÊNICOS

Uma ligeira pincelada revela que os batistas reagem de maneiras variadas diante deste desafio, como fazem exercendo a sua democracia em face de qualquer outro assunto. Alguns filiam-se a tais movimentos, outros filiam-se a outros grupos concorrentes, enquanto outros isolam-se de todo e qualquer grupo que visa a união orgânica de denominações cristãs. É difícil para aqueles que estão fora das tradições das igrejas livres compreenderem esse padrão diversificado da atuação dos batistas em tais circunstâncias. Entende-se esse padrão confuso somente na medida que se entende o individualismo batista, sua política congregacional, suas ênfases variadas das doutrinas, sua formação teológica, cultural e educacional, e sua tendência conservadora que se manifesta de vez em quando em certo liberalismo surpreen-

⁵Küng, Hans. *The Council, Reform and Reunion*. Traduzido por Ceely Hastings, New York: Sheed & Ward, 1961, pp. ix-x.

dente. Não há possibilidade, portanto, de uma generalização sobre a relação dos batistas e o movimento ecumênico.

Os Batistas dentro do Conselho Mundial de Igrejas

De todos os batistas, os da Inglaterra têm demonstrado o espírito mais ecumênico. Em sua primitiva história, sendo pouco distinguidos dos anabatistas por um lado e dos congregacionais por outro lado, os batistas ingleses alimentaram o espírito de comunhão e cooperação interdenominacional. A geração presente deles está sofrendo o prejuízo do declínio espiritual geral do país revelado na falta de vitalidade, convicção e fervor evangelístico. Num ambiente assim é fácil pensar na união com outros para apresentar uma força mais atraente. Também, a eclesologia está sofrendo uma modificação. Muitas funções das igrejas locais estão sendo executadas pela União Batista da Grã-Bretanha. De fato, muitos batistas ingleses têm referido a União Batista como sendo "A Igreja Batista."⁶ Entende-se a razão do movimento ecumênico de ser atraente àqueles cujos recursos espirituais não evidenciam vitalidade em face do colapso teológico do século vinte.

A União Batista da Escócia e do País de Gales aceitaram o convite de participarem do Conselho Mundial de Igrejas. Contudo, havendo forte oposição, a União Batista só conseguiu maioria em favor do cristianismo ecumênico por um voto. Subseqüentemente,

ambos retiraram-se do Conselho Mundial. A União Batista da Irlanda nunca filiou-se ao Conselho.

Dos Batistas do continente Europeu apenas três grupos das vinte e três entidades nacionais participam do Conselho Mundial de Igrejas: Dinamarca, Países Nórdicos e Hungria. Os da Suécia, Checoslováquia, Polônia e Rumênia pertencem ao conselho nacional dos seus próprios países.

Nos Estados Unidos o grupo predominante de batistas filiados ao Conselho Mundial de Igrejas é a Convenção Batista Americana. Há três fatores principais que levam os irmãos desta Convenção ao Conselho. O primeiro foi a imigração dos Europeus para os Estados Unidos. Levaram para o novo mundo a cultura e a religião do velho. Em pouco tempo suas idéias liberais conquistaram a vida política, educacional e também religiosa da comunidade.⁷ O segundo fator foi o liberalismo teológico que varria a zona norte dos Estados Unidos no fim do século passado. As igrejas batistas começaram a sofrer o impacto do liberalismo durante a segunda década deste século quando os seus seminários tornaram-se adeptos da nova teologia. O terceiro fator foi a máquina organizacional da denominação. Os crentes batistas preferiram a organização de sociedades desligadas das igrejas, por desconfiar que uma organização de cúpula eclesiástica viesse a impor-se na igreja local. Acharam que o "método-sociedade" dava mais liberdade à igreja sem nenhuma

⁶Payne, Ernest A. *The Fellowship of Believers*, Londres: The Kingsgate Press, 1944, pp. 80-84.

⁷Estep, William R. *Baptist and Christian Unity*, Nashville: Broadman Press, 1966, p. 136.

interferência de fora. O resultado foi que as igrejas, por não terem representantes nas sociedades, perderam contato eclesástico com elas. Quando organizou-se a Convenção, era pouco mais do que uma federação de sociedades autônomas, compostas de interessados e sobre as quais a denominação não tinha controle.⁸ Assim ficou aberta a porta para que cada sociedade seguisse o caminho interdenominacional.

É preciso observar que a convenção do norte filiou-se ao Conselho Federal de Igrejas que mais tarde foi dissolvido para dar lugar ao Conselho Nacional. Em 1933 os ultrafundamentalistas da Convenção não concordando com a filiação ao Conselho Federal, saíram da Convenção e organizaram a Associação Geral dos Batistas Regulares. Porém, muitos permaneceram dentro da Convenção para continuar exercer influência contra a filiação. Depois de vários anos de luta, a Convenção votou em 1948 continuar a participação nos movimentos ecumênicos, mas enfatizaram o fato que não havia nenhum interesse em união orgânica de Igrejas.⁹ Esta resolução ajudou na concretização da saída da Convenção de um grupo que era contra esta medida. Eles formaram a Associação Batista Conservadora.

É evidente que a maioria da Convenção Batista Americana não tem interesse em união orgânica, e,

ao mesmo tempo, acham que sua filiação às organizações ecumênicas não prejudica seu testemunho batista.

Há duas convenções batistas de negros filiadas ao Conselho Mundial de Igrejas. Desde o seu início, a Convenção Batista Nacional da América, com aproximadamente 2.700.000 membros é filiada ao Conselho. A Convenção Batista Nacional, U.S.A., composta de mais de 5.000.000 membros, filiou-se recentemente. A pequena Conferência Geral dos Batistas do Sétimo Dia é, também, membro do Conselho Mundial de Igrejas. Ela tem apenas 6.000 membros.

No restante do mundo batista as convenções da Birmânia, Nova Zelândia e do Camerões são membros do Conselho Mundial. Numéricamente, há aproximadamente 9.500.000 batistas filiados às organizações ecumênicas. Isto em si mesmo, não representa todo interesse de cada grupo, pois alguns desses grupos não são ativos no movimento, enquanto outros que não são membros, como os batistas da Austrália, do Canadá e da Convenção do Sul, têm no seu meio alguns que tem grande interesse no movimento ecumênico.

Os Batistas fora do Conselho Mundial de Igrejas

Dos vinte e seis milhões de batistas no mundo, dois terços pertencem a grupos que não são filiados às organizações ecumênicas. Todos os grupos batistas da América Latina permanecem fora do Conselho Mundial de Igrejas. O maior grupo deles é a Convenção Batista Brasileira com aproximadamente 300.000 membros. Vinte grupos dos vinte e sete da Europa não participam do Conselho. Há

⁸Baker, Robert Andrew. *Relations Between Northern and Southern Baptists*. Forth Worth: Seminary Hill Press, 1948, pp. 88 e segs.

⁹Anual da Convenção Batista do Norte, 1948, pp. 66-67.

mais de 500.000 batistas na Rússia e 100.000 na Alemanha que não são filiados. Os do Canadá, da Austrália, e quase todos da Ásia não se relacionam com o Conselho.

Dentro dos Estados Unidos a crescente Associação Batista Conservadora com 300.000 membros não é filiada ao Conselho Nacional nem ao Mundial de Igrejas. A Associação Batista Americana tem 719.100 membros e a Convenção Batista Nacional Progressiva com 505.000. Esses três grupos são os mais numerosos de vários pequenos grupos que têm um total de mais de 3.000.000 de membros. O espírito que os leva a se oporem ao Conselho Mundial de Igrejas é motivado geralmente pelo amor à independência, conservantismo, espírito de auto-suficiência, eclesiologia estrita, teologia fundamentalista, ou uma combinação de vários fatores.

O fundamentalismo expressa seu próprio espírito ecumênico dentro da estrutura de um número de organizações diferentes. A menor e ao mesmo tempo a mais vociferante delas é o Conselho Americano de Igrejas Cristãs organizado em 1941. O movimento internacional é chamado o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs. A figura e líder principal do movimento é Carl McIntire. A tática do movimento é revelada na sua demonstração contra a Aliança Batista Mundial reunida em Miami Beach, Florida em 1965. Os fundamentalistas raciocinam que se a Rússia é uma nação comunista e atesta, os batistas russos também devem ser comunistas. Os que protestavam contra os russos carregavam placas que diziam coisas como estas: A Igreja

Batista da Rússia não é verdadeiramente Cristã,” e “Igreja Batista da Rússia é controlada pelos Comunistas.” Carl Mc Intire também denuncia Billy Graham e Martin Luther King. Muitos acham que tal conduta irresponsável prejudica a causa fundamentalista. A organização internacional conta atualmente mais ou menos com 1.000.000 membros filiados. Os maiores participantes são a Associação Batista Americana e a Associação Batista Geral de Igrejas Batistas Regulares com 154.767 membros. É evidente que é sustentado quase inteiramente por Batistas.

A Associação Nacional de Evangélicos tem um contexto teológico semelhante aos grupos do Conselho Americano de Igrejas Cristãs mas com espírito muito diferente.¹⁰ Revela grande interesse no evangelismo, missões, e liberdade religiosa. Como os outros conselhos, surgiu como reação ao modernismo que caracterizava o Conselho Mundial de Igrejas. Organizou-se em 1942 com a participação de cinquenta denominações evangélicas com um potencial de 15.000.000 de membros. É uma voz que representa uma teologia conservadora e a separação completa do estado e igreja. Suas ações contra a perseguição dos evangélicos em países como Itália, Colômbia e Espanha são elogiáveis. Uma organização de escala mundial foi constituída em 1950, e é chamada a Comunhão Evangélica Mundial (World Evangelical Fellowship). Dos dez milhões ou mais adeptos da Associação Nacional de Evan-

¹⁰Ver artigo neste número da “Teológica” por Dr. Russell Shedd intitulado “O Ecumenismo Fundamentalista.”

gólicos, mais de uma metade são batistas. Entre eles estão a Associação Batista Conservadora, a Conferência Geral dos Batistas, e muitos simpatizantes da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, entre os quais um ex-presidente daquela Convenção, o Dr. R. G. Lee, pastor muito conhecido no Tennessee.

A Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos recusa fazer-se participante em qualquer organização ecumênica. Ela não é filiada nem ao Conselho Mundial de Igrejas, nem a Associação Nacional de Evangélicos. Algumas igrejas são filiadas aos conselhos locais e algumas das agências e organizações da Convenção são relacionadas ao trabalho do Conselho Nacional. A Junta de Missões Estrangeiras (Junta de Richmond) participou da Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte de 1893 a 1950. Retirou-se quando a Conferência expressou seu desejo de filiar-se ao Conselho Nacional de Igrejas. Contudo, a Convenção, em assembléia tem recusado consistentemente qualquer iniciativa que resulte em alianças comprometedoras com outros grupos religiosos. Razões dadas por esta atitude são o medo de trair a sua autonomia, o senso de destino dos batistas que não os permite em prejudicar o seu testemunho e mensagem ao mundo, a confiança nos métodos conhecidos e experimentados pelos batistas na evangelização do mundo, a rejeição da idéia que as divisões denominacionais são pecaminosas *per se*, a impossibilidade da Convenção em assembléia de compreender as igrejas batistas, sendo que ela não tem autoridade ecle-

siástica, etc. Verifica-se, então, que por razões teológicas, e pragmáticas, a Convenção do Sul recusa crer que a resposta aos males da humanidade está em convenções e alianças ecumênicas.

Apesar do fato que a maioria dos batistas associados à Aliança Batista Mundial não estarem ligados ao Conselho Mundial de Igrejas os não ecumênicos da Aliança se encontram em dificuldades com os que participam do Conselho. Os laços que unem os batistas na Aliança às vezes chega ao ponto de se rebentarem. Graças a compreensão esplêndida dos seus líderes e representantes da Aliança Batista Mundial, os batistas aprenderam caminhar juntos, respeitando as divergências dos seus irmãos, para que pudessem apresentar uma voz unida contra a perseguição de qualquer grupo religioso e promover a liberdade religiosa. Durante o Congresso da Aliança Batista Mundial de 1911, o Presidente, Dr. John Clifford, da Inglaterra, expressou o sentimento dos batistas quando, depois de apelar por compreensão mais profunda e cooperação entre todos os cristãos, disse: "Mas com a mesma franqueza afirmamos que união visível, formal, e mecânica não é atraente para nós. Essa não é a união pela qual Jesus orou... União de vida, amor, e de idéias e ideais governantes, queremos, sim, mas união de "ordem" de "máquina" ou de "credo," não se harmoniza com a "unidade em diversidade" nem na natureza nem na graça."¹¹

¹¹*The Baptist World Alliance, Second Congress, 1911, pg. 62-63.*

Ajuda às Igrejas

A CRUZADA BRASILEIRA DE LITERATURA com 5 anos de atividades no Brasil, está a disposição das Igrejas Evangélicas do Brasil para fornecimento de folhetos gratuitamente.

- **FINALIDADE** — Colocar folhetos evangelísticos em todos os lares do Brasil, literalmente, por intermédio das Igrejas, dentro de um plano mundial de evangelização.
- **FOLHA DE SERVIÇO** — A C.B.L. já forneceu às Igrejas gratuitamente até 30/10/68.

- 34 milhões de folhetos.
- 2.700 distribuidores cooperando em todo Brasil.
- 28 mil cartões de decisão já registrados.
- 12 mil crentes orando diariamente.
- 14 mil inscritos no Curso Bíblico.

Sua IGREJA pode nos consultar nos seguintes endereços:

- **Pr. Josias Soares Ribeiro**
Diretor Nacional
Caixa Postal, 187 — SP - São Paulo
- **Pr. Eliézer Pereira de Barros**
Diretor Regional Norte
Caixa Postal, 78 — Belém - Pará
- **Pr. Renato C. Corrêia da Silva**
Diretor Regional Nordeste
Caixa Postal, 2.611 — Recife - Pernambuco
- **Pr. Geraldo Camargo**
Diretor Regional Centro-Leste
Anápolis - Goiás

Estamos a disposição para visitar sua Igreja e orientar uma campanha de saturação de sua cidade em qualquer ponto do Brasil. Rogamos que orem por nós!

DIRETOR NACIONAL

Devemos observar que durante sua história têm havido propostas para que a Aliança filie-se ao Conselho Mundial de Igrejas. Últimamente, contudo, especialmente a partir do Congresso reunido em Rio de Janeiro em 1960, a Aliança está com os olhos voltados para a tarefa de evangelização mundial. Dr. Estep observa que “a eleição do Dr. João Soren do Brasil à presidência da Aliança marcou o término da era em que a influência dos batistas ingleses era predominante. Subseqüentemente, a Aliança tornou-se menos inglesa e mais cosmopolitana na sua estrutura. Sem dúvida, esta tendência há de aumentar antes que diminuir.”¹²

PRINCÍPIOS QUE AFASTAM OS BATISTAS DOS MOVIMENTOS ECUMÊNICOS

Em certo sentido os batistas seguem uma orientação ecumênica. Há lugar em nossa eclesiologia para a Igreja Universal. Cremos que o Corpo de Cristo é composto de todos os redimidos. Aceitamos o fato que aqueles que divergem de nós quanto ao conceito da Igreja, seu ministério, suas ordenanças e seu objetivo no mundo, podem ser, ao mesmo tempo, participantes da Igreja Universal. Contudo, essa Igreja, apesar de ser universal, jamais pode ser identificada inteira e exclusivamente por qualquer entidade visível. Através da sua história os batistas têm sofrido a perseguição das mãos de Igrejas estabelecidas que adotam medidas coercivas. Não é de se estranhar, então, que nós os

¹²Estep, *ibid.*, p. 166.

batistas observamos as crescentes estruturas ecumênicas com bastante reserva. Os batistas mais esclarecidos reconhecem os princípios relevantes que servem de barreiras, afastando-se de qualquer relação direta com as organizações ecumênicas contemporâneas.

Os Princípios Teológicos

São poucos os batistas que estão prontos a rejeitar o conteúdo do Credo Apostólico. Contudo, não há batista dentro da tradição batista que esteja disposto a adotar o credo como Confissão de Fé. Credos são feitos pelos homens e são apenas aproximações à verdade. Não é possível aplicá-los como medidas coercivas. É muito fácil que eles substituam o lugar de Cristo na vida do crente e da igreja. A fidelidade a Jesus como Senhor leva o batista apresentar-se aparentemente, as vezes como obstinado, estreito e isolacionista. O senhorio de Jesus Cristo leva o discípulo verdadeiro (quando Ele mandar) a não fazer indagação, mas obedecer.

O sacerdócio do crente é outro princípio que clama a atenção do batista. Cremos que o crente individual é competente em saber a verdade do Senhor. É claro que aquela vontade tem que enquadrar-se dentro dos limites apresentados na Bíblia. A tradição, credos, dogmas, doutrinas, entidades eclesiásticas, comportamento, etc., são julgados pelos ensinamentos bíblicos.

Por essa razão a autoridade suprema para o batista é a Escritura Sagrada. Isto não significa que Ela substitua Cristo. Pelo contrário, é o único testemunho

autêntico da revelação de Deus em Cristo. Cremos que tal revelação foi um evento histórico, assim, sujeito ao registro. Esse registro, dizem os batistas, nós o temos no relato escrito que é o Novo Testamento. É natural que os batistas fiquem perturbados quando há tentativa de substituir o Novo Testamento por outra autoridade em questões de fé e moral, seja Papa, Igreja, Bispo, Padre, Pastor, Credo, alguma estrutura eclesiástica. Infelizmente, o movimento ecumênico não tem dado às Escrituras a prioridade que os batistas desejam. Por isso, sentimo-nos inquietos diante daqueles que possuem um conceito inferior da Bíblia.

Enquanto reconhecemos o conceito de uma Igreja Universal no Novo Testamento, também reconhecemos que a ênfase está na igreja local. Para nós, uma determinada igreja é composta de homens regenerados que professam publicamente sua fé em Cristo e O seguem no batismo. Rejeitamos o erro de contar entre os redimidos os infantis e populações inteiras de um determinado local ou país. Isto viola as consciências do recém-nascido e perpetua um cristianismo decadente. A graça de Deus não pode ser imposta automaticamente pelo uso da fórmula trinitária ou observância de sacramentos (que nós preferimos chamar ordenanças) ou por exposições de mágica divina em que a graça de Deus é *ex opere operato*.

Nós os batistas ficamos assustados com a reportagem da IV Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas reunida recentemente em Uppsália que disse: "Anterior-

mente, os antiecumenistas (principalmente os chamados fundamentalistas) cognominaram o Conselho Mundial de Igrejas de uma moderna torre de Babel, formada de religiões e seitas interessadas em voltar ao convívio da Igreja Católica. Hoje, o aspecto doutrinário foi colocado totalmente de lado e as delegações do Vaticano, da Igreja Ortodoxa Russa e Grega, bem como de todo os ramos do Protestantismo, estão usando uma só linguagem (embora em várias línguas) para expressar a ansiedade de toda uma raça que marcha, dia dia, para o caos para a destruição.”¹³ Cremos como batistas que colocar “o aspecto doutrinário... de lado” é preço demasiadamente caro para conseguir apenas uma união artificial. Conseqüentemente, os batistas acham muito difícil manter a integridade doutrinária dentro de uma organização que têm conceitos teológicos vastamente divergentes.

Princípios Eclesiológicos

Sempre que as assembleias do Conselho Mundial observam a Ceia do Senhor, cria-se problemas para os batistas dentro do Conselho. Seria hipócrita um batista participar da oração que precede a cerimônia pedindo perdão pelo pecado de cisma. A maioria dos batistas não acha que as divisões denominacionais é pecado *per se*. Aliás, há momentos em que o pecado jáz à porta daqueles que recusam separar-se. Condenar

¹³*Estado de São Paulo*, (“Igreja Termina Reunião”, por Manoel Gomes dos Santos,) Domingo 21 de julho de 1968, p. 8 do segundo caderno.

os batistas por serem batistas simplesmente porque recusam conformar-se a um certo “padrão ecumênico” ao nosso ver é presunção. Soa estranhamente como a voz da Igreja Estabelecida. Contrariar a consciência por amor a união é para nós, como para Lutero, uma impossibilidade.

Também, a estrutura denominacional dos batistas, especialmente os da Convenção Batista Brasileira, apresenta um problema técnico que evita a participação das nossas igrejas no Conselho Mundial. Os Conselhos ecumênicos são compostos de denominações filiadas. Nem aceitam filiação de igrejas locais. Portanto, não há qualquer autoridade central, nem tão pouco a assembleia Convencional, que pode entregar as igrejas batistas brasileiras ao Conselho Mundial ou à outra autoridade eclesiástica. O órgão soberano em matéria eclesiástica para nós é a igreja local. Assim, nos afastamos de qualquer movimento que nós julgamos vir ameaçar a autoridade e autonomia da igreja local. Não há lugar em nossa eclesiologia para uma hierarquia eclesiástica superior às igrejas. Não existe tal união orgânica nem entre nós; certamente, não procuramos essa união com os outros.

Além do mais, não aceitamos a teoria que a consolidação de todos os grupos eclesiásticos em um só grupo vai irradiar as nossas divergências. São profundas demais para serem sanadas com tais tentativas superficiais. A história já provou que tais uniões não trazem reavivamento espiritual, vitalidade e vitória. Os ecumenistas argumentam que o esforço de duas igrejas unidas produz mais do que

quando trabalham separadamente. Porém, como observa Dr. Wayne Dehoney, ex-presidente da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, nem sempre dois mais dois são cinco, como acham os ecumenistas. Frequentemente dois mais dois dão três, e, nem quatro, quando aplicado à unificação das igrejas!

Princípios de Metodologia

Se não houvesse os problemas teológicos e eclesiológicos que proíbem a entrada dos Batistas no Conselho Mundial, ainda permaneceriam os problemas práticos. O que deu luz ao movimento ecumênico moderno foi a evangelização mundial. Missionários de persuasão ecumênica chegaram a conclusão que o seu testemunho seria grandemente fortalecido nas sociedades pagãs se não fôsse as divisões denominacionais.¹⁴ Lamentavelmente, na prática, o resultado não tem justificado o esforço. Os grupos filiados ao Conselho Nacional dos Estados Unidos experimentaram um declínio em termos de números de missionários enviados enquanto os não filiados experimentaram um crescimento. Duas vezes mais missionários são enviados pelos grupos não filiados do que pelos filiados.

É de se notar, também, que os homens não são ganhos para Jesus por apresentações, passeatas e resoluções de Conselhos ou Concílios. São ganhos um por um pela palavra e vida fiel dos indivíduos

que conhecem e servem o Senhor. Nós não concordamos com o documento aprovado pela recente assembléia em Upsália que fala da missão da Igreja sem mencionar a sua tarefa principal que é evangelizar o mundo para salvação de almas perdidas. Os batistas crêem que até hoje nada substitue a atuação do Espírito Santo nos corações transformados e nas igrejas que são os veículos ordenados por Jesus para salvar as almas imortais e transformar a natureza dos homens para que possa reinar justiça no mundo.

Há dois pontos mais em que os batistas têm grandes dificuldades em apoiar o movimento ecumênico. Infelizmente, o Conselho Mundial não resiste a tentação de falar em nome dos seus componentes sobre assuntos políticos e econômicos. Porém, ele nunca se defendeu quanto à separação da Igreja e Estado. Suas resoluções quanto à liberdade religiosa são apreciadas mas não são satisfatórias aos batistas.

Também, os batistas não podem ser partidários a "comity agreements." Reservando certa população para um denominação particular, achamos nós, violá a liberdade do indivíduo em escolher sua igreja. Também, suprime a possibilidade de um ministério espiritual adequado em muitos lugares. O processo deixa de ser realístico se não desonesto quando o movimento ecumênico reconhece como cristã uma área em que 85 por cento dos adeptos da Igreja ignora a Igreja e normas cristãs na sua vida e ao mesmo tempo espera que os batistas os reconheçam como cristãos e discípulos de Jesus.

¹⁴Ver *Ecumenical Foundations*, por William Richey Hogg, pp. 1-14, Harper & Brother, N.Y., 1952.

CONCLUSÃO

Batistas não crêem que o movimento ecumênico promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas e outros conselhos semelhantes resultará na união pela qual Jesus orou em João 17. Confessamos francamente que temos dúvidas quanto à finalidade de tais movimentos. Apesar de alguns líderes ecumênicos como Visser't Hooft declararem que o propósito do movimento não é de edificar uma "super-Igreja", há tendências nesta direção e advogados desta idéia que influenciam grandemente o Conselho Mundial de Igrejas. O batista não há de volta para a época anterior a Reforma quando o homem estava prêso entre a Igreja e o Estado. Não queremos uma "super-Igreja" como não queremos um "super-Estado".

Por outro lado, o batista não está desinteressado naquilo que passa ao seu redor. Nós estamos dispostos a colaborar com todos no desempenho de promover o espírito de cooperação e amor fra-

ternal mas não a união orgânica. cremos que a união pela qual Cristo orou é uma dádiva do Espírito Santo que manifestar-se-á no mundo na medida que os homens experimentarem a reconciliação com Deus em Cristo. É somente em Cristo que podemos esperar união cristã. A Igreja Universal não é uma instituição visível, mas os redimidos de toda denominação, raça e nação. Ela não pode ser dividida, destruída ou vencida. A Igreja Universal é uma realidade onde quer que andem os redimidos.

Os batistas aborrecem união forçada ou superficial, mas estendem a mão fraternal para cooperar com todos aqueles que têm comunhão com Cristo. cremos que a união Cristã se manifeste principalmente em expressões de comunhão genuinamente cristã. Ter comunhão com todos em Cristo ao mesmo tempo respeitar as convicções que caracterizam o discipulado humano são para os batistas qualidades inseparáveis.

CASA PUBLICADORA BATISTA

JUNTA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E PUBLICAÇÕES — JERP

A maior Editôra Evangélica e a mais completa Rêde Distribuidora da América Latina.

Sempre na finalidade e propósito de bem servir às igrejas, às instituições e ao evangelismo em geral.

Tudo de útil e do melhor nesse sentido, para pronto e satisfatório atendimento aos que a distinguem com sua nobre preferência.

Muito grata será sua visita à

CASA PUBLICADORA BATISTA

Filial de São Paulo

Av. São João, 820 — Fone 34-2784

SÃO PAULO - SP

A História do Movimento Ecumênico

Roque Monteiro de Andrade

Através dos séculos têm sido numerosos os discípulos do Crucificado que se vêm demonstrando insatisfeitos com o estado de incompreensão a que as divisões denominacionais do Cristianismo podem conduzir.

Encontram-se vestígios de acentuada tendência divisionista, mesmo no Nôvo Testamento. Presunções da inteligência, ambições individuais, vêzo sincretista, confusões oriundas do olvido das Escrituras, eis algumas das causas que, desde os primórdios da História Evangélica, têm concorrido para o aparecimento de grupos que, confessando o mesmo Cristo, consentem, não obstante, na exacerbação de ódios e de antipatias que faz com que prevaleça o espírito de desunião em vêz do espírito de concórdia, de compreensão, de simpatia e de fé.

Por outro lado, não têm sido sempre justos, os motivos dos que propugnam pela união das várias correntes na Cristandade. Por exemplo, sabemos como eram acerbos as polêmicas nos primeiros séculos. Os que se arvoravam em defensores da Ortodoxia contra os Heresiarcas não revelavam nenhum escrúpulo quanto ao uso de expedientes políticos, pois o que lhes ocorria almejar era a vitória contra o contendor, independentemente de qualquer manifestação

lídima de fé que, como se sabe, jamais se divorcia do amor.

Os esforços de Constantino, o grande, não visavam a nada mais do que a manutenção da unidade entre os confessores da fé Cristã. Em sua correspondência endereçada a Alexandre, bispo de Alexandria, e a Ário, teve êle ocasião de expressar-se assim: Tendo inquirido “cuidadosamente da origem e dos fundamentos das diferenças, conclui que suas causas são de natureza evidentemente insignificante” e por isso mesmo, não mereciam de modo nenhum, que em tórno de tais assuntos houvesse tanta contenda. No entender do Imperador, aquelas discussões não deveriam pretender a mais do que “simples exercícios da inteligência”... “nem devem ser levadas para o cenário das Assembléias populares, nem confiadas estultamente a ouvidos vulgares.”

Tais palavras refletiam o sentir dos mais piedosos do século quarto. Coincidem com a opinião expressa de um dos remanescentes das perseguições anteriores que, exibindo as cicatrizes, conclamava os corações dos que muito disputavam às vésperas do Concílio de Nicéia dizendo-lhes: “Cristo não nos procurou ensinar a dialética nem a arte da oratória nem qualquer vã sutileza de pensamento, mas sim

singeleza de coração que devemos preservá-lo mediante a fé e as boas obras.”

A manutenção da unidade dos Cristãos constitui-se em objetivo sério de esforços incessantes durante a Idade Média. O gládio espiritual do Papado e o gládio temporal do império não discreparam jamais na faina por eliminar tudo quanto pudesse vislumbrar independência de raciocínio em face do que a Igreja de então ministrava à ignorância prevalente nos séculos subseqüentes às invasões bárbaras dos antigos domínios de Roma.

Enquanto aquelas condições estiveram vigentes, em que pesem as aparências, não foi a unidade que prevaleceu... Uma vez que faltavam as garantias para que o pensamento alcançasse exprimir-se sob os fulgores da verdade, a fé uniformemente alardeada não vencia as injunções do medo e reduzia-se a mero assentimento ao enunciado de um credo cuja assimilação não era racional... era mecânica!

Os espíritos mais ousados que não se queriam silenciar diante dos argumentos da violência e da força manifestavam seu inconformismo constituindo-se em grupos que permaneceram a redil da grande sociedade de então. E, uma vez que não é natural aos que buscam a verdade, que fujam da convivência dos demais homens... mesmo que para tal convivência tenham de expor as próprias vidas, o desprendimento com que enfrentaram os maiores sacrifícios nas regiões montanhosas e nos esconderijos onde se acastelaram não resultou em nenhuma contribuição decisiva capaz de operar mudanças no estado de coisas que perdurou

até que o espírito de exame, incrementado pelo humanismo da Renascença, fizesse com que a luz de um novo dia desabasse das agonias do século quinze.

Entretanto sabemos que o “livre exame” das Escrituras que, no século dezesseis, promoveu a revolução religiosa protestante, nem sempre esteve imbuído dos verdadeiros sentimentos da fé que o Salvador envidou por suscitar nos corações. Outros sentimentos e outros intuitos que não só os da fé estiveram fermentando nos corações daqueles que, não obstante, funcionaram como instrumento de demolição das masmorras políticas, morais, intelectuais, e espirituais que oprimiram os homens até então. E, como se verificou já no início da História Evangélica, também o Protestantismo se fez como verdadeira “colcha de retalhos”...

Repetiu-se a história quanto aos esforços por obter-se a unidade. A semelhança do Imperador Constantino, vários líderes políticos fizeram esforços ingentes por alcançar a harmonia à base de crenças comuns e visando à constituição de elementos de defesa eficazes em face dos perigos que a todos se revelavam evidentes.

Tudo em vão, porém.

O sangue de alguns mártires, embebeu, muitas vezes a terra onde só deveria vicejar a sementeira da verdade proclamada pelos estímulos do Espírito que “convence”, persuade, triunfa e conquista destituído de ódios e pleno de amor...

Quão inveterado é o sentimento da discórdia nos corações!

Onde quer que alguma das “denominações” do Protestantismo se tenha implantado como forma religiosa professada pela maioria... essencialmente não tem tido história diferente da história do Romanismo da Idade Média. O espírito de perseguição é uma constante em todas as formas ideológicas e religiosas sempre que os corações humanos permaneçam impenitentes. Nenhuma forma religiosa assegura modificações ao coração humano. Para que os homens deixem de agir como Caim é necessário que adquiram o coração de Abel... Isto é, o coração regenerado, capaz de oferecer aquela oferta para a qual o Senhor se digne em “atentar”...

PRÓDROMOS DO MOVIMENTO ECUMÊNICO

A Sociedade Missionária de Londres, em 1795, compreendia elementos Anglicanos, Presbiterianos, Metodistas e Independentes. Ao inaugurar a Instituição, certo pregador Anglicano teve ocasião de dizer em seu discurso: “As pequenas diferenças que nos separam, os nomes e as formas, bem como as diferenças quanto a administração e à Ordem Eclesiástica, temos de concordar, hão de ficar hoje superadas em face do maior, mais nobre e mais característico nome de CRISTÃO”.

O pai das missões modernas, William Carey, em 1806, propôs que se realizasse um encontro com elementos de todas as denominações no Cabo da Boa Esperança. Admitia ele que, a partir de 1810, representantes de todas as denominações deveriam repetir tais encontros a intervalos de dez anos.

A sugestão foi endereçada então, ao secretário da Sociedade Missionária Batista, Rev. Andrew Fuller. Ponderando na precocidade idealista de Carey, aquele secretário assim se expressou: “Considero este um dos sonhos alcançados que o irmão Carey costuma ter.”

Em 1842, distinto Pastor que permanece anônimo, excursionou pela Inglaterra, pela França, pela Bélgica e pela Suíça arregimentando as inteligências protestantes no sentido da formação de uma entidade que se constituísse “numa união espiritual capaz de abranger a todos quantos, nos vários países, estão lutando pela santa causa de Deus e pela pregação do mais puro Evangelho”. Naquele mesmo ano, durante uma reunião dos Congregacionais de Londres, J. A. James conclamou os protestantes à formação de uma União Evangélica. Na Escócia a voz de T. Chalmers procurou veicular as mesmas idéias. Foi sem dúvida, em consonância com a expressão tão ubíqua de tal idealismo que, em 1846 ocorreu a criação da Aliança Evangélica.

As Sociedades Bíblicas, a Sociedade para publicação de obras religiosas, a Associação Cristã de Moças, etc., eis algumas das muitas entidades que, nas Ilhas Britânicas, no continente Europeu e, também, no Novo Mundo vieram a surgir como evidências do sentimento “ecumênico” que caracteriza os últimos decênios da História do Cristianismo.

CONFERÊNCIA MISSIONÁRIA MUNDIAL — EDINBURG, 1910

Já a realização daquele inolvidável Congresso, que compreendia

a elementos de tôdas as denominações, constituiu-se em acontecimento marcante na história do Movimento Ecumênico entre os Evangélicos. Entretanto, mais do que tal realização por si só, a constituição da notável "Comissão Continuada", desde os primórdios recebendo a influência de homens notáveis como John R. Mott, J. H. Oldham, Lionel Curtis, Lord Lothian, Lord Lugard e Lord Hailey, fêz com que Edinburg, 1910 tivesse conseqüências de valor permanente, de modo a assegurar a sobrevivência do ideal ecumênico.

J. R. Mott, tinha como característica de realce em sua personalidade, sua devoção pessoal para com o Cristo Vivo, resultando isto numa paixão absorvente por conquistar outrem à mesma experiência e lealdade para com o Salvador.

J. H. Oldham esteve estreitamente ligado a John R. Mott. Era homem dotado de admirável intuição para a compreensão dos acontecimentos mundiais contemporâneos. Era mais do que argúcia política. Era própria, intuição profética, isto é, a capacidade de avaliar os acontecimentos à luz das verdades fundamentais que são oriundas de Cristo, de quem, aliás, derivam o dinamismo de que são portadores.

A efetivação dos propósitos de Edinburg 1910 verifica-se no surgimento da revista internacional de Missões. Esta revista já alcança a mais de duzentos números. A comissão continuadora que foi responsável pelo surgimento daquele órgão bem como por muitas outras empresas de sentido ecumênico,

aperfeiçoara-se, por assim dizer, na promoção do Concílio Missionário Internacional que veio a efetivar-se em 1921 na mesma cidade de Edinburg.

CONSELHO MISSIONÁRIO INTERNACIONAL

Seus propósitos, enunciados em documento dado a público pelo próprio Conselho, estão assim resumidos:

1. Estimular o pensamento e a investigação relativamente aos problemas que interessam à obra missionária.

2. Tornar os resultados de tal investigação acessível a tôdas as Sociedades Missionárias e a tôdas as missões.

3. Ajudar na coordenação das atividades das Organizações Missionárias Nacionais dos vários países bem como das sociedades que representam.

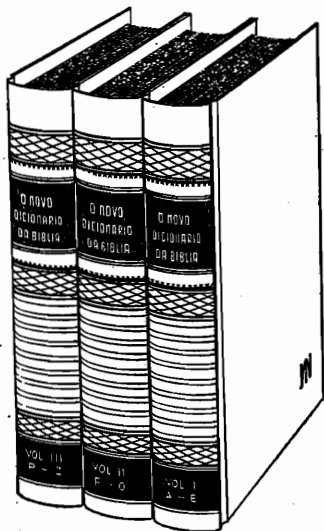
4. Promover a unidade de ação onde se faça necessária à natureza dos interesses Missionários.

5. Ajudar na mobilização da opinião pública Cristã Mundial para o apoio necessário na luta pela liberdade de consciência, de confissão religiosa e de empreendimentos Missionários.

6. Concorrer para a conjugação das forças cristãs do mundo na busca de justiça para critério das relações internacionais e interracialias.

Obedecendo ao desideratum acima, O CONSELHO MISSIONÁRIO INTERNACIONAL, já conta meia dúzia de congressos. Depois de 1921, dará da sua organização, verificaram-se as se-

Complete sua Biblioteca



COMPRANDO O
NÓVO
DICCIONÁRIO
BÍBLICO

3 VOLUMES
1.672 PÁGINAS
2.300 VERBETES
237 DESENHOS
23 MAPAS
CENTENAS DE CLICHÊS

“Este Nôvo Dicionário Bíblico é um
curso completo em teologia Bíblica”

Prof. Gordon Chown

Os 2.300 verbetes reúnem o melhor
da pericidade moderna: atualizada,
Bíblica, conservadora.

Edições VIDA NOVA
Caixa Postal 6.617
São Paulo - SP

guintes reuniões: Jerusalém (1928); Tambaram (1938); Whitby (1947); Willingen (1952) e G h a n a (1957-1958).

Paralelamente com a existência do Conselho Missionário Internacional vem funcionando, desde 1927, o Congresso de Fé e Ordem que, além de sua primeira reunião na data acima referida, que se verificou em Lausanne, realizou a segunda de suas reuniões em Edinburg, em 1937.

Outro Congresso importante para a história do Movimento Ecumênico, é o de "Vida e Obra" que também conta duas reuniões, a primeira em Stockolm (1925) e a segunda em Oxford (1937). Cumpre assinalar que estas últimas iniciativas subsistem apenas como departamentos especializados do Concílio Mundial das Igrejas.

Num esforço como este, apenas podemos ressaltar a figura de um homem do qual houve quem dissesse: "Teve mais amigos que qualquer outro homem seu contemporâneo." Trata-se do Bispo das Filipinas, Carlos H. Brent da Igreja Episcopal.

A convicção do bispo Brent, desde Edinburg 1910, era de que se deveria promover a demolição deste ídolo dos corações protestantes que é o "culto incompleto" isto é, o culto do sectarismo. Possuído de tal convicção, o bispo Brent obteve êxito em uma das Convenções de sua Igreja, quando a seguinte resolução foi unanimemente votada: "Que se constitua uma comissão integrada por elementos de várias denominações para a promoção de um Congresso para o estudo de assuntos com relação à Fé e Ordem e que tôdas as

Denominações do mundo que confessem o Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, sejam convidadas à participação do Congresso."

Só em 1919, depois da catástrofe da primeira grande guerra, foi que se tornou possível a realização do pretendido Congresso. Tanto a Igreja Ortodoxa como a Católica Romana foram colocadas no escopo dos promotores do Congresso. Os ortodoxos dêle participaram. Não aconteceu, entretanto, o mesmo, com relação à Igreja Romana. Na verdade, Benedito XV acedeu em mostrar-se de extrema cordialidade para com a delegação que lhe fôra entregar o convite especial para que participasse do Congresso. Mas ao deixar as instalações Papais eis o documento que lhe chegou às mãos:

"O Santo Padre... como sucessor de Pedro e Vigário de Cristo não acalenta maior desejo do que o de ver a Cristandade constituindo um só redil sob um único Pastor... não obstante, não seria possível à Igreja Católica tomar parte em Congresso como o que se lhe propõe... deseja, ardentemente, porém, que uma vez realizando-se aquêlê Congresso, seus participantes, pela Graça de Deus, venham a contemplar a luz, e assim, procurem voltar ao redil do cabeça visível da Igreja por quem, aliás, serão recebidos de braços abertos."

Depois do encontro assinado, não têm sido maiormente expressivos os contatos com a Igreja Romana visando à consecução do movimento ecumênico. Bem sabemos que essa Igreja tem, depois de João XXIII, envidado esforços nessa direção...

O Congresso de Lausanne revelou-se posteriormente, como sendo o passo mais decisivo que resultou no aparecimento do Concílio Mundial das Igrejas, cuja constituição verificou-se em 1948, na cidade de Amsterdam, na Holanda. Sua segunda reunião ocorreu em Evanston (1954) e a terceira em Nova Delhi (1961).

CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS

Eis a base sobre a qual foi constituído o Conselho Mundial das Igrejas: "É a união de Igrejas que adotam a confissão de que Jesus Cristo — é Deus e Salvador." Esta base foi reafirmada em Evanston, em 1954 em enunciado que incluiu o seguinte:

"O Conselho Mundial das Igrejas é instrumento a serviço das Igrejas e procura capacitá-las para que se entretendam em conversações fraternais, a fim de que possam cooperar em muitos campos e dar testemunho em comum perante o mundo. Não é uma nova Igreja (muito menos uma super-igreja) e nem realiza funções eclesásticas."

Principalmente no que tange ao terceiro Congresso do Conselho Mundial das Igrejas, verifica-se o sentido "humano" de suas mensagens. Encontramos enunciados assim: "Encontramo-nos como irmãos cristãos. Encontramo-nos também, como irmãos que pertencemos ao gênero humano"... "Antes que falemos a respeito de Cristo, eis que Cristo mesmo já lhes esteve à procura."

"Não há tarefa mais urgente para os Cristãos do que a coope-

AOS PREGADORES

O QUE O TEM prejudicado excessivamente nos últimos tempos e, temo que seja o mesmo atualmente, é a carência de leitura. Eu raramente conheci um pregador que lêsse tão pouco. E talvez por negligenciá-la você tenha perdido o gosto por ela. Por esta razão o seu talento na pregação não se desenvolve. Você é apenas o mesmo de há sete anos atrás. É vigoroso, mas não é profundo; há pouca variedade; não há seqüência de argumentos. Só a leitura pode suprir esta deficiência, juntamente com a meditação e a oração diária. Você se engana a si mesmo, omitindo isto. Você nunca poderá ser um pregador fecundo nem mesmo um crente completo. Vamos, comece! Estabeleça um horário para exercícios pessoais. Poderá adquirir o gosto que não tem; o que no início é tedioso, será agradável, posteriormente. Quer goste ou não, leia e ore diariamente. É para sua vida; não há outro caminho; caso contrário, você será, sempre um frívolo, medíocre e superficial pregador,

John Wesley a John Trembath

LEIA

A REVISTA "O LEITOR CRISTÃO".
OS LIVROS DA
EDITORA
LEITOR CRISTÃO.

ração no sentido de que se venha a estabelecer verdadeira comunhão entre as nações da terra e no estabelecimento da paz com justiça, liberdade entre os homens, de modo que possam erradicar-se as causas da maior parte das misérias contemporâneas.”

A Assembléia do Congresso de Nova Delhi deliberou enviar a tôdas as igrejas a seguinte afirmação que foi recitada em uníssono por ocasião do encerramento daqueles trabalhos: “Confessamos Jesus Cristo como Salvador dos homens e luz do mundo; aceitamos seus mandamentos; comprometemo-nos novamente a dar testemunho de sua salvação entre todos os homens; oferecemo-nos para o serviço em prol de todos os homens movidos pelo amor, por aquêle que só Ele é capaz de comunicar-nos; aceitamos outra

vêz a vocação no sentido de fazer visível a unidade em que NELE estamos; suplicamos-lhe que nos seja concedido o Espírito Santo a fim de que cumpramos a tarefa que temos sôbre os ombros.”

Efetivamente, percebe-se que há um movimento ecumênico no mundo atual. Enquanto assim permanecer, como força que dinamiza corações de boa vontade, não há porque relegar a oportunidade de oferecer a mais decidida cooperação no sentido de seus objetivos se consumem. É só quando uma organização se arvora em critério exclusivo da verdade que o perigo nos ameaça. Como expressão de um sentimento amorável, inspirado nos exemplos de Cristo, porém, o movimento ecumênico não é portador de nenhum propósito de hegemonia.

Um Pastor “motorizado” vale por quatro

Lemos, algures, que um “Padre motorizado vale por dois”. Paramos, meditamos e oramos. Fizemos, então, os primeiros contactos com a Willys Overland do Brasil S/A e Ford Motor do Brasil S/A. Tais contactos resultaram na cuidadosa elaboração de um *Consórcio de Veículos*, destinado exclusivamente aos pastôres brasileiros e missionários que aqui militam. Consta, dêste consórcio, um *desconto especial*. A oportunidade chegou; urge, pois, que nos concientizemos da responsabilidade de “repartirmos com o que nos instrue”, “motorizando” nossos pastôres, pois se assim estiverem, valerão por quatro.

A MISSÃO INFORMADORA DO BRASIL é uma entidade evangélica, sem fins lucrativos, cuja principal finalidade é servir aos missionários evangélicos que aqui militam. Agora, através de sua Junta Executiva, ela resolveu lançar um Consórcio de Veículos, estendendo, assim, seus préstimos também aos pastôres brasileiros. Tôda a correspondência e pedido de informação devem ser enviados para a

MISSÃO INFORMADORA DO BRASIL

Caixa Postal, 1.498

São Paulo - SP

O Ecumenismo Fundamentalista

Russell Shedd

Aparentemente o título deste artigo apresenta uma contradição. "Ecumenismo" sugere o inclusivismo do Conselho Mundial de Igrejas como base doutrinária tão alta e nebulosa que toda e qualquer denominação ou confissão Protestante, Ortodoxa Grega e até Católica Romana possa aderir sem impedimento. "Fundamentalista" ao contrário sugere reação, uma posição defensiva conservando o individualismo contra o "ecumenismo," especialmente a espécie que abafa a doutrina histórica cristã para conseguir um organismo unido. Mas isto não é toda a verdade, nem podia ser uma vez que a Bíblia dá ênfase à necessidade de unidade visível como expressão da união espiritual existente em Cristo (Jo 17:21). O fundo histórico do fundamentalismo esclarecerá algumas das razões pela atitude manifestada, como também fornecerá oportunidade para uma compreensão maior das posições e direções novas a esperar no futuro.

As Origens e Surgimento do Fundamentalismo

O termo Fundamentalismo tem dois sentidos interrelacionados: 1) Uma posição conservadora sobre a teologia cristã em distinção das posições liberais que desde os fins do século passado vêm se espa-

lhando cada vez mais. 2) Um movimento específico que se dedicou à propagação duma doutrina ortodoxa histórica.

Desde 1900 as forças esposando os princípios da ortodoxia bíblica se opuseram abertamente ao liberalismo baseado na filosofia idealista de Kant e evolucionista de Hegel, e apoiado na crítica destruidora que nega que a Bíblia possa ser a verdadeira revelação de Deus. Conferências Bíblicas como aquela realizada em Niagara (USA) em 1895 formulou os "cinco pontos da sã doutrina" que providenciaram os alicerces do fundamentalismo: 1) uma Bíblia sem erros; 2) o nascimento virginal e a deidade de Jesus Cristo; 3) a expiação substitucionária da morte de Jesus Cristo; 4) a ressurreição corporal e 5) a Segunda Vinda física de Cristo.

O movimento se firmou e tomou um impulso extraordinário com a publicação duma série de doze brochuras chamadas "Os Fundamentos." Cerca de três milhões de exemplares foram distribuídos entre pastores e estudantes. Este grande esforço apologético literário deu substância e prestígio ao termo "fundamentalismo", especialmente em vista da erudição e capacidade dos autores. Ao mesmo tempo o movimento (se assim podemos denominá-lo) gerou numerosas escolas Bíblicas e firmou a

posição conservadora em vários seminários e colégios (nível universitário) na América do Norte. Milhares de estudantes aceitaram a desafio do chamado aos campos missionários em todo o mundo. Outros milhares entraram no pastorado convencidos de que o liberalismo era a maior ameaça do século à fé cristã. O espírito lutador na defesa da fé "uma vez por tôdas entregues aos santos" ganhou a reputação de obscurantismo quando deu maior ênfase à defesa da veracidade da Bíblia literalmente interpretada do que às novas posições científicas, especialmente no campo da biologia, zoologia, geologia e antropologia. Para o fundamentalista a Bíblia era suficiente para garantir o valor das coisas eternas e a centralidade do sobrenatural; para o liberal o valor de ação social pesava mais que qualquer "salvação" duvidosa além da morte.

Uma vez que o liberalismo se apresentou como um ameaça total à fé cristã, os fundamentalistas sentiram a realidade da união em espírito baseada na doutrina essencial. Igrejas conservadoras, escolas Bíblicas, seminários e missões estrangeiras interdenominacionais manifestaram o espírito ecumênico que se une em volta das doutrinas básicas (em contraste com os liberais) e abafa as distinções denominacionais. A grande separação não era mais entre as denominações históricas mas dentro da própria denominação dividindo o fundamentalista do "modernista".

Enquanto o espírito ecumênico prevaleceu sem estrutura global, apareceu o início do ecumenismo unindo Igrejas e denominações.

Em 1905 foi criada a Federação Protestante da França. Em 1908 trinta denominações aprovaram os estatutos do Conselho Federal de Igrejas nos EUA. Em 1950 êste Conselho foi substituído pelo Conselho Nacional de Igrejas que coordena atividade missionária, educacional, e social de muitas denominações. Infelizmente a liderança dêste movimento ecumênico como aquele que produziu o Conselho Mundial de Igrejas em Amsterdão em 1948 não se caracteriza pelo zelo em definir a substância da doutrina essencial à existência duma "Igreja de Cristo". É natural que os fundamentalistas tomaram conhecimento, mas recusaram dar apoio a qualquer movimento ecumênico que não garantisse uma base Bíblica. Outros motivos de hesitação tinham suas raízes na História da Igreja.

Receios Fundamentalistas vindo da História da Igreja

Os evangélicos tradicionalmente se caracterizam pelo temor de qualquer ligação entre a Igreja de Cristo com o Estado. Além disso a oposição enfrentada pela Reforma encabeçada por Lutero, Zwínglio, Calvino e outros manifestou a força de poder hierárquico contra a fé e práticas Bíblicas. No século XVIII os primeiros seguidores do movimento metodista foram forçados a reconhecer na Igreja Anglicana seu principal antagonista. Os batistas, desde seus primeiros dias, se apegarão ao distintivo de separação entre o poder secular aliado com uma igreja nacional e a igreja local. Nos EUA não morreu ainda

a memória dos peregrinos que colonizaram o Nôvo Mundo, fugindo da opressão de poder eclesiástico e governamental para conseguir a liberdade de adorar a Deus seguindo uma consciência livre.

A experiência dos séculos indica claramente o perigo de concentrar poder espiritual quer no estado quer numa cúpula eclesiástica. Os fundamentalistas sentem um receio profundo de se submeterem a qualquer estrutura humana mesmo quando esta declara seu interesse em finalidades espirituais. Daí se verifica que movimentos ecumênicos com orientação conservadora não tomaram grande impulso.

Ainda assim, não se explica a reação fundamentalista contra qualquer movimento unionista. Toda organização precisa duma estrutura com autoridade. Por princípio o crente fundamentalista tem Cristo como Cabeça da Igreja e sua única autoridade para sua fé e prática é fundada nas Escrituras. Na confissão batista de New Hampshire (1833) aparece a declaração "Cremos que a Bíblia Sagrada... tem Deus como autor, salvação como seu fim, e verdade sem mistura de erro para substância... portanto é e será até o fim do mundo, o verdadeiro centro da união cristã..." A posição fundamentalista não difere desta afirmação. Um ecumenismo que tem outro fundamento que *sola Scriptura* é uma ameaça aos princípios de qualquer união cristã. J. M. Kik acerta bem quando diz, "O Ecumenismo jamais em mil e um anos atingirá o alvo da unidade cristã até resolver a questão de autoridade." Tem Deus revelado o caminho, a verdade e a vida

para o ecumenismo na Palavra escrita ou seria a experiência humana a autoridade? Os evangélicos já têm a solução do problema de autoridade... subordinar os credos humanos às Escrituras.¹ Enquanto houve segurança neste ponto os evangélicos historicamente foram os pioneiros na criação de movimentos interdenominacionais. As sociedades Bíblicas da Gran Bretânia e da América no início do século 19, as Associações de Moços e Moças, a Inter-Varsity Fellowship (Aliança Bíblica Universitária). O Movimento Voluntário de Estudantes, que se iniciou com o apoio de Moody em 1886 providenciaram meios de organizar a distribuição das Escrituras como também mobilizar a juventude na promoção da obra missionária. Seu líder John R. Mott, que eletrificou o Congresso Mundial de Missões em Edinburg (1910) com seu repto à juventude de evangelizar o mundo na sua geração, deu início ao movimento que finalmente produziu o Conselho Mundial de Igrejas.

Movimentos Ecumênicos Exclusivamente Fundamentalistas

Além das organizações interdenominacionais houve algumas tentativas ecumênicas entre os evangélicos conservadores. As primeiras aproximações se registraram em 1846 na Inglaterra onde cristãos se uniram para "confessar a unidade que a Igreja de Cristo possuía como seu corpo". Este foi o primeiro passo da World Evangelical Fellowship que em 1951 foi revitalizada com o intuito de prover

1J. M. Kik, *Ecumenism and the Evangelical*, 1958, p. 136.

meios de comunhão e cooperação efetiva entre evangélicos nos níveis nacional e internacional. Esta organização com sede em Toronto no Canadá e escritórios em Londres e Nova Delhi, Índia, promove a organização de Associações Evangélicas para “comunhão no evangelho,” “a defesa e confirmação do evangelho” e “a promulgação do evangelho” (Fp 1:5,7,12). Uns vinte países têm Associações ligadas com “The World Evangelical Fellowship,” entre elas “The National Association of Evangelicals” dos EUA, representando cerca de 10 milhões de crentes.

Ainda outra organização foi fundada em 1941, denominada o Conselho Americano de Igrejas, com Dr. Carl McIntire na presidência. Esta, mais estreitamente unida, teve o propósito de frustrar o desafio do Conselho Nacional de Igrejas nos EUA. Com a divulgação dos planos de constituir o Conselho Mundial de Igrejas em 1948, Dr. McIntire junto com os fundamentalistas mais reacionários e conservadores formaram o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs em Amsterdão uns cinco dias antes da fundação do Conselho Mundial na mesma cidade. Pelos motivos já apresentados acima, e ainda mais pelo espírito bélico característico, estas organizações fundamentalistas não tem alcançado a influência que teriam se pudessem unir os evangélicos Bíblicos de todo mundo.

Novas Manifestações de Interesse Evangélico no Ecumenismo

Dois acontecimentos notáveis realizados em 1966 confirmam

uma preocupação corrente num ecumenismo fundamentalista. Em Abril foi convocado o Congresso sobre a Missão Mundial da Igreja na cidade de Wheaton, perto de Chicago (EUA). A Associação Evangélica de Missões Estrangeiras e a Associação Inter-denominacional de Missões Estrangeiras, que juntas coordenam cerca de metade de todo o esforço missionário no mundo (13.000 missionários representados por 938 delegados vindos de 71 países e 150 sociedades missionárias), se reuniram para estudar e afirmar o consenso da posição e pensamento evangélico ante os desafios do catolicismo após o Concílio Vaticano II, a teologia e ação liberal protestante, seitas pseudo-cristãos e religiões não cristãs. A Declaração do Congresso publicada e distribuída pela Junta Editorial Cristã no Brasil claramente afirma as bases e a natureza dum desejado ecumenismo lato e Bíblico no cumprimento da tarefa missionária mundial.

Em outubro de 1966, sob o patrocínio da revista *Christianity Today* e o apoio integral da Billy Graham Evangelistic Association reuniu-se em Berlim o Congresso sobre Evangelização. 1.500 líderes de mais de 100 países representando tôdas as maiores denominações evangélicas demonstraram ao mundo que pelo menos no alto propósito de evangelizar o mundo não há dúvida que há um espírito ecumênico evangélico muito vivo.

Conclusão

Não se pode deixar de observar que os fundamentalistas sentem o chamado “escândalo do Corpo de

Cristo dividido," mas não da forma que popularmente se percebe no chamado "movimento ecumênico." Não! os evangélicos Bíblicos sentem a realidade da união espiritual em Cristo, submetendo-se à Palavra de Deus como sua única regra de fé e prática. Enquanto o Conselho Mundial idealiza e se esforça para criar uma Igreja Nacional em cada país (exemplo no Congo onde já se usa largamente fôlhas de correspondência timbradas da Igreja Nacional que ainda não existe na realidade!), os fundamentalistas procuram evangelizar. Dr. Clyde Taylor, secretário da Associação Nacional de Evangélicos (NAE) em Washington está muito certo em nos lembrar que a Eternidade é a última medida de toda nossa obra. Todas as estruturas e superestruturas eclesiais acabarão nesse dia quando tocar a trombeta do Senhor. Nenhum destes corpos mundiais estará no céu. Mas o Corpo de Cristo estará lá, composto de membros de toda tribo, língua, povo e nação.²

O ecumenismo fundamentalista reconhece o valor de união quando os resultados são demonstrados em maiores vitórias palpáveis para o Reino de Deus. A Declaração de Wheaton diz, "Uma união orgânica de Igrejas, por si mesma, tem raramente causado um novo dinamismo missionário ou um acréscimo de fervor missionário." É mais que provável que no futuro os evangélicos se unirão cada vez mais, mas não sem bases bem definidas na doutrina Bíblica ou sem motivos de espalhar mais eficientemente as boas novas da salvação em Cristo.

²The Dynamics of Christian Unity, p. 85.

NOVO LANÇAMENTO DA IMPRENSA METODISTA

COMO NOS VEIO A BÍBLIA
por EDGAR J. GOODSPEED



Você sabe mesmo como nos veio a Bíblia? A 2.^a edição do livro **COMO NOS VEIO A BÍBLIA**, já saiu e explica muito bem, como foram agrupados os 66 livros da Bíblia. A história da Bíblia está descrita em linguagem acessível.

165 páginas

NCr\$ 3,00

À venda nas principais livrarias evangélicas, ou na

IMPRENSA METODISTA
Av. Liberdade, 655
Caixa Postal, 8.051
São Paulo

Atendemos pelo Serviço de Reembolso Postal.

Roma sempre Eadem?

Richard Sturz

“É necessário construir a Igreja.
É necessário restaurá-la.
É necessário edificá-la.
É necessário ampliá-la
Ainda não foi realizada completamente a planta da sua construção.” Paulo VI, 7/12/66

CONVOCAÇÃO DO CONCÍLIO

As palavras acima citadas do atual papa negam um mito que há muito ouvimos: “A Igreja Católica Romana não muda”. Estamos vivendo dias em que a estrutura daquela Igreja está abalada pelo desejo quase que universal de torná-la apta para os dias atuais. João XXIII abriu a porta para atualização e deu ímpeto a um movimento (quase escrevo “um dilúvio”) quando convocou o Concílio Vaticano II. Ao mundo católico romano ele pediu *aggiornamento*, atualização.

“O problema mais sentido e vivido pelo Concílio Vaticano II foi o das relações da Igreja com o mundo de hoje.”¹ Frei Kloppenburg, um dos peritos do Concílio, continua, anotando que o homem de hoje (inclusive 80% dos católicos romanos) está desligado da Igreja. A Igreja Católica, por seu lado, foi tomando atitudes mais precisas, mais into-

cáveis. Enquanto ela reclamava obediência, fora da Igreja aumentava o senso da liberdade.⁴

É neste momento que João XXIII lançou a sua bomba: sua convocação dum concílio ecumênico em janeiro de 1959 tomou o mundo de surpresa. No princípio errou-se quanto à finalidade do Concílio. Tinha-se em mente uma abertura para o protestantismo. De fato, isso se deu como fruto dos trabalhos do Vaticano II; mas não era visado no adjetivo “ecumênico”. Um concílio ecumênico no sentido etimológico da palavra, teria representantes de toda a terra habitada e não de toda denominação e seita cristã. Para participar dele mais de 2.000 bispos, inclusive 175 do Brasil estiveram presentes.

O objetivo do Concílio, delineado por João XXIII em junho de 1959, era triplice: incremento da fé Católica, renovação dos costumes e adaptação da disciplina eclesiástica às necessidades do tempo atual.³ O Vaticano II de-

¹Kloppenburg, “A Perigosa Arte de ser Bispo Hoje” na *Revista Eclesiástica Brasileira*, XXVII (junho, 1967), p. 286.

²*Ibid.*

³A encíclica *Ad Petri Cathedram*, 29-6-59.

monstrou uma grande preocupação pastoral: como se pode expor a doutrina tradicional duma maneira compreensível ao homem moderno. "Para ser ouvida e entendida pelos homens do mundo de hoje, a Igreja devia tornar-se inteligível e amável. Era o grande programa traçado pelo Papa João XXIII."⁴ Dêsse desejo de ser "inteligível e amável" brotou, entre outras transformações, uma mudança de atitude para conosco, os "não católicos". Antes de analisarmos êsse fruto do Vaticano II, porém, vamos anotar rapidamente sua história.

HISTÓRIA DO CONCÍLIO

O Concílio realizou-se em 3 estágios: o período preconiliar; o do concílio propriamente dito; e agora a posconiliar. O primeiro durou quase 4 anos (1959-1962); o segundo, 4 anos (1962-1965); o terceiro, desde o término do Concílio, já completa 3 anos. Por causa do alcance das modificações, os efeitos do Vaticano II, salvo a Vinda do Senhor, são capazes de ser multissecular como o foram os do Concílio Tridentino.

Depois do primeiro anúncio do Concílio em janeiro de 1959 apareceram vários documentos indicando as metas do Concílio. Em junho do mesmo ano foram enviados 2.500 cartas em nome do Papa pedindo que dessem suas sugestões para o futuro Concílio. Até junho de 1960 são constituídas as várias comissões de trabalho Conciliar. As várias comissões prepararam 119 opúsculos de *Schema* (anteprojeto de Constituição ou

Decreto), com total de 2.060 páginas. A comissão Teológica, presidida pelo Cardeal Ottavini, foi sem dúvida a mais importante. A ela cabia elaborar os *esquemas* que serviriam de base para as constituições de fé do Concílio. Com seu presidente a comissão compusera-se mais de elementos tradicionais ou conservadores. Elaborados em estilo e mentalidade antiga sua primeira forma foi rejeitada.

O estágio preconiliar, porém, remonta a mais de meio século. Não digo no sentido de uma preparação intencionada, e sim no dos grandes movimentos dentro da própria Igreja Romana. Da época de Leão XIII para cá desenvolveu-se um movimento *Bíblico* que valorizou a exegese; uma renovação *patristica* que tornou bem conhecidos os ensinamentos dos primeiros pais da Igreja; um aprofundamento teológico através de uma série de revistas especializadas e monografias; uma renovação *litúrgica* por estudos, propostas e discussões; o movimento leigo na "ação católica" e uma conscientização da *responsabilidade social* da Igreja num mundo de rápidas transformações. Todos êsses movimentos contribuíram para preparar a nova mentalidade que surgiu com João XXIII e o Concílio. Sem eles o que veio a ser o Vaticano II teria sido impossível. O Concílio convocado nos anos 1962 a 1965 reuniu-se em 168 congregações gerais (reuniões de todos os padres na sala conciliar). Foram proferidos um total de 2.217 discursos. Vaticano II desenvolveu seus trabalhos em etapas. Cada etapa durou de setembro a dezembro.

⁴Kloppenburger, op. cit., p. 287.

Na primeira etapa os padres conciliares discutiram os *esquemas* sobre a renovação litúrgica, as fontes da revelação, os meios de comunicação, unidade da Igreja, e a natureza da Igreja. Ficaram aprovados os princípios gerais da reforma litúrgica por uma maioria esmagadora (2.000 contra 40). O choque entre as duas mentalidades (conservadora e liberal) apareceu nitidamente na discussão sobre a renovação litúrgica e as fontes de revelação.

Quanto ao *esquema* sobre as fontes da revelação, o Papa achou necessário entregá-lo a uma comissão especial para ser reconstruído; enquanto que o da Igreja foi considerado inaceitável.

Na segunda etapa (1963) os padres conciliares dedicaram-se ao novo *esquema* sobre a Igreja e ao do ecumenismo. Completa-se a "constituição sobre a Sagrada Liturgia" e o "Decreto sobre os Meios de Comunicação Social." Da terceira etapa (1964) saiu a "Constituição Dogmática Sobre a Igreja", dois decretos, "Ecumenismo" e "Igrejas Orientais Católicas", e a instrução sobre a liturgia. Na última etapa (1965) o Concílio produziu mais: duas constituições dogmáticas, seis decretos e três declarações. As constituições eram sobre a Revelação Divina e a pastoral sobre a Igreja de Hoje. O documento sobre a revelação foi completamente reconstruído desde a sua apresentação em 1962. O Concílio levou três anos e 25 votações sobre as várias partes desse *esquema* reconstruído. No dia da sua promulgação pelo Papa (18 de novembro) 2.344 contra apenas

6 padres conciliares aprovaram o texto final.

Embora o Papa João XXIII tenha morrido entre a primeira e a segunda etapas do Concílio em 3 de junho de 1963 e embora o novo Papa tenha se revelado bem mais conservador, "a revolução iniciada em outubro de 1962 na Aula Conciliar manteve-se vitoriosa."⁵ Tanto as Constituições como os Decretos mostraram a vitória completa do movimento "liberal" pela votação esmagadora que alcançaram. Superou-se a mentalidade pós-tridentina; canonista e anti-canonista, que identificava a Igreja com a hierarquia. Iniciou-se a descentralização da Igreja com o conceito de colegiado dos bispos. Os leigos já desenvolvem um papel mais importante. Ainda mais, a abertura para nós não católicos foi muito além das esperanças dos mais audaciosos ecumenistas, tanto protestantes como católicos. O tratamento dos "hereges" como "irmãos separados" é fato novo, inédito na história dos Concílios. A novidade da atitude é corroborada pelas poucas referências nesse decreto à patristica e aos concílios anteriores.

DECRETO SOBRE ECUMENISMO

Em 21 de novembro de 1964 foi promulgado o "Decreto sobre Ecumenismo". O documento original foi discutido em 11 Congregações Gerais (de 18 de novembro a 2 de dezembro) em 1963. Embora fundamentalmente aceito (1966 contra 86), mais de mil emendas.

⁵Kloppenburger, *Concílio Vaticano II*, Editôra Vozes, Petrópolis, 1964, Vol. III, p. 7.

São Paulo, S. P.

Prezado Pastor:

Saudações fraternais no Senhor! Gostaríamos chamar sua atenção a quatro livros importantes que devem ser uma parte útil de sua biblioteca. Para facilitar sua aquisição dêstes livros, a Imprensa Batista Regular oferece um desconto todo especial de 20 % por cada leitor desta revista. Eis os títulos:

Aquêlê que é Espiritual por **Ch a f e r**
Um verdadeiro clássico!

Teologia Elementar por **B a n c r o f t**
Uma necessidade absoluta para
o pastor esclarecido.

Manual das Igrejas Batistas por **H i s c o x**
Não pode faltar na biblioteca
pastoral!

Jóias de Nôvo Testamento Grego por **W u e s t**
Estudos preciosos de palavras
importantes no Nôvo Testamento.

Mande seu pedido ou peça informações à

Imprensa Batista Regular

Caixa Postal 2.612 — São Paulo

foram propostas. Depois dos debates finais em outubro e novembro de 1964 e antes da votação final Paulo VI introduziu 19 emendas.

Este decreto, que tem por título⁶ e finalidade a restauração da unidade, fala ao mesmo tempo de ecumenismo e diálogo de um lado; do outro, do primado papal (2) e da Igreja Católica Romana como o meio da salvação (3). Embora não exija explicitamente um retorno a Roma, crê que a unidade que Cristo deu a Igreja subsiste na Igreja Católica (4). Exige unidade no essencial; permite liberdade, porém, em disciplina, liturgia e até mesmo nas elaborações teológicas da verdade revelada (4).

O Decreto distingue entre o depósito da fé a maneira em que o ensino da Igreja é formulado (5). A primeira é imutável; a segunda pode sofrer alteração. Lembra-se também que na doutrina católica existe uma hierarquia de verdades que variam em sua relação à fé Cristã fundamental. O Concílio acha imperativo que a maneira Católica de exprimir a verdade não se torna obstáculo ao diálogo. Tem que ser explicada com precisão e em termos a ser facilmente compreendida pelos "irmãos separados" (11). Para evitar um falso irenismo, porém, o Concílio insiste que o ponto de partida para qualquer ecumenismo tem que ser a "Constituição Dogmática sobre a Igreja" que foi promulgada no mesmo dia.

⁶O título é comumente derivado das primeiras palavras. Neste caso são *Unitatis Redintegratio*. Os números entre parênteses referem-se aos artigos do Decreto.

Na parte que toca explicitamente os protestantes ou evangélicos, o Decreto anota várias considerações que podem servir de base para um diálogo ecumênico: confissão de Jesus Cristo como Deus e Senhor, único mediador entre o Deus triuno e os homens (20);⁷ amor e reverente estudo da Bíblia (21); administração do sacramento de batismo (22); vida cristã alimentada pela fé em Cristo, fortificada pela graça de batismo e pelo ouvir da palavra de Deus (23).

AD TOTAM ECCLESIAM

No término dos debates em 1963 sobre o ecumenismo o Cardeal Bea prometeu, em nome do Secretariado para a União dos Cristãos, a elaboração dum diretório ecumênico — uma espécie de regimento interno — para execução daquilo que o Vaticano II promulgou sobre o ecumenismo. Veio a lume em *L'Osservatore Romano* em 26 e 27 de maio do ano pp. Uma tradução em Português foi publicada na *Revista Eclesiástica Brasileira* em junho.

O Diretório é dividido em quatro partes. A primeira trata da instituição de comissões ecumênicas, tanto diocesanas como territoriais. As comissões pertencem vários cargos. Além de executar as decisões do Vaticano II, diálogo e oração com os protestantes é lhes dado o encargo de "promover com

⁷Uma referência implícita ao Conselho Mundial de Igrejas uma vez que a fraseologia no decreto é quase que uma citação da base doutrinária desta entidade. Aliás apesar da base doutrinária, os ecumenistas protestantes do Conselho Mundial tencionam interpretá-la duma maneira que nega seu sentido literal.

os irmãos separados um testemunho comum da fé cristã e igualmente uma ação conjunta, na educação, no campo moral e social..." A segunda parte trata da validade do batismo conferido pelos ministros não católicos. Dois princípios controlam suas conclusões: batismo é necessário para a salvação e pode ser conferido uma só vez. Distingue os que nascem e são batizados fora da comunidade católica dos que, batizados na Igreja Católica, renegam publicamente a fé desta. A terceira parte trata do ecumenismo espiritual dentro da Igreja Católica. Fala de conversão do coração, santidade de vida e das orações (públicas e particulares) em prol da unidade dos cristãos. Anota os períodos mais apropriados para a oração pela unidade.

Mais que a metade do Diretório é dedicada à quarta parte e assim à questão de culto em comum. Achando valor ecumênico e espiritual em tais reuniões, procura maneira e medida lícitas para realizá-las. Trata primeiro de reuniões de oração e depois da participação nos sacramentos (*communicatio in Sacris*). Falando unidade de fé, "é proibida a participação dos irmãos separados com Católicos sobretudo nos sacramentos da Eucaristia, da Penitência e da Unção dos enfermos." Ainda assim admitem exceções a esta lei canônica.

CONCLUSÃO

As vezes o evangélico acha que nada mudou. A Igreja Romana insiste no primado de Pedro, na imutabilidade do depósito de fé,

nos sete sacramentos e, afinal, na crença de que ela tem guardada a unidade que Cristo deu à Igreja. Entretanto há muita mudança, principalmente em sua atitude para conosco os protestantes e para consigo mesmo. Quanto ao segundo Decreto admite que a Reforma resultou em parte devido à culpa de elementos católicos. Ainda mais, chama a própria Igreja de peregrina e adota o conceito protestante de que ela sempre precisa de reforma. Quanto aos evangélicos o Decreto os chama de irmãos e membros do Corpo de Cristo. Entende que Cristo está trabalhando não só no meio da Igreja Romana como também entre os irmãos separados. Também nos trata como cristãos, desejando num futuro uma reconciliação de todos na unidade da única Igreja de Cristo.

O que fica evidente é uma nova mentalidade, que pode ser chamada "pos-tridentina". Esta nova mentalidade quer destacar os aspectos que os unem com os protestantes sem entretanto perder de vista a fé da Igreja. O Concílio quer diálogo e ecumenismo, mas não baseados num falso irenismo nem numa solução superficial. A unidade que busca não é a do denominador comum mais baixo e sim que seja construída na base do "depósito da fé" que a Igreja guarda. "O Decreto sobre Ecumenismo" marca a entrada completa da Igreja Católica Romana no movimento ecumênico."⁸

Outro aspecto saliente do Decreto é que o Concílio não inter-

⁸W. M. Abbott, S.J., ed., *The Documents of Vatican II*, Guild Press, New York, 1966, p. 339.

preta seu sentido de "uniformidade." Isto se vê com clareza, por exemplo, no insistir que a tradição, os direitos e os ritos das Igrejas Ortodoxas devem ser guardados intactos. Aplica-se também, em grau menor, aos costumes e formulações teológicas evangélicas. Notemos que esse mesmo desejo de respeitar as várias tradições é uma clara indicação que ainda não se resolveu o problema da relação que há entre a Bíblia e a tradição. "Mas a forte ênfase sobre a Escritura, com a pressuposição do lugar central de Escritura na tradição, diminui a distância entre os pontos de vista Católica e Protestante."⁹

Por enquanto a ação ecumênica entre Católicos e Protestantes no

⁹S. M. Cavert, *The Documents of Vaticano II*, p. 368.

Brasil não tem grande desenvolvimento. De ambos os lados falta a confiança e a consciência ecumênica. No Rio e em Curitiba, porém, existe "Centros Ecumênicos" com a participação de várias confissões.

A posição ecumênica da Igreja Católica Romana nos traz ao mesmo tempo alegria e tristeza. Alegria porque há uma abertura para a Bíblia. E quando a Bíblia é estudada a porta está aberta para o Espírito de Deus obrar poderosamente. A alegria, porém, é mitigada e se torna em tristeza porque os católicos abriram-se para a influência nefasta dos modernistas protestantes. Assim aguardamos o resultado final desta nova atitude da Igreja Romana. Oremos pelos Católicos. Oremos para que cheguem ao pleno conhecimento de Cristo como Salvador e Senhor.

CARTAS VIVAS

As cartas do Novo Testamento em linguagem atualizada. Billy Graham diz: "Neste livro li as verdades eternas das Escrituras com um interesse e inspiração renovados, como se vindo diretamente do Senhor."

Este novo livro divulga riquezas da Palavra de Deus que você nunca antes havia encontrado. Dá-lhe uma nova apreciação das Escrituras Sagradas. Está escrito numa linguagem simples. 350 páginas. Brochura NCr\$ 7,80; Encadernado, NCr\$ 8,80.

Compre na sua *livraria evangélica* mais próxima, ou se ainda não houver, por reembolso postal da



Publicadores
da revista
Mundo Cristão

**Mundo
Cristão**

EDITORA MUNDO CRISTÃO S/C

(Sucessora da Editora Vida Evangélica)

Caixa Postal 9.500 - São Paulo, Est. S.P.

R. Alvaró de Carvalho, 118 - 3.º and. Tel. 32-7303

O ensino Bíblico sobre a união da Igreja

Gordon Chown

Por que a preocupação pela união?

No mundo de hoje, o desenvolvimento científico e o desenvolvimento da democracia estão levando os seus habitantes a participarem mais ativamente da vida; a ciência coloca ao alcance dos homens grandes possibilidades de uma vida mais ativa, com mais movimento, mais conforto, mais possibilidade de estudos e de diálogos; e a democracia permite aos homens tomar parte em tôdas as decisões nacionais. No meio desta correria pelo desenvolvimento, é natural que cada pessoa esteja lutando para obter um quinhão maior destas vantagens. Em muitas sociedades modernas, esta busca pelo melhoramento é quase considerada uma virtude ética, parte integrante da luta por um mundo melhor. Esta busca ardente tende a produzir uma atitude materialista, e poucas pessoas procuram os verdadeiros valores da vida, os valores transcendentais, eternos, religiosos. Nesta situação, as igrejas cristãs começam a se sentir sem influência, sem relevância, sendo que poucas pessoas realmente levam a sério as coisas pertencentes à eternidade quando o presente surge tão grande com seus problemas, com suas esperanças.

A igreja com seus vários ramos, trava uma luta para tornar-se re-

levante para os homens de hoje. Considera que suas divergências teológicas devem estar causando péssima impressão nas mentes modernas, pois a primeira coisa que será notada pelos críticos do cristianismo é que há divisões dentro desta religião. Além disto, assim como os partidos políticos estão formando enormes blocos internacionais, e as fábricas estão desenvolvendo grandes redes comerciais pelo mundo inteiro, sente-se que as igrejas também poderiam amalgamar sua obra, para maior eficiência de operação, e para evitar que denominações diferentes fiquem duplicando os mesmos esforços no mesmo campo. Tudo isto está bem dentro do espírito da época, um espírito de enormes pulos para a frente em assuntos materiais, registráveis em estatísticas. Mas a igreja é antes de mais nada, o povo de Jesus Cristo, a comunidade da Palavra de Deus; devemos portanto, procurar os ensinamentos bíblicos para nos guiar durante esta época.

O ENSINO NO EVANGELHO

O momento histórico que destaca a Igreja de Cristo como algo mais do que aquela que já existia, pode ser percebido quando Pedro fez sua confissão "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo", Mt 16:16. Como no caso de Abrão e de Moisés, era a resposta da fé me-

diante a revelação e a vocação divina, e Cristo foi bem específico ao declarar que foi o próprio Deus que revelou a verdade a Pedro. Jesus chamou Pedro de bem-aventurado por causa desta confissão de fé, mas logo que Pedro quis evitar o caminho da cruz, da dedicação, do sofrimento, do auto-sacrifício em prol de outros, Jesus disse: "Arreda! Satanás". Pedro ao reconhecer Cristo como o Messias, foi por sua vez reconhecido por Cristo como alicerce da Igreja, uma organização que refletirá na terra aquilo que Deus decretou nos Céus (Mt 16:18-19). Pedro, ao procurar que Jesus evitasse o caminho da Cruz (Mt 16:21-23), foi reconhecido como quem estava tentando Jesus como fêz o próprio Satanás. Quando Pedro estava reconhecendo Cristo como Salvador, era rocha fundamental da Igreja; quando não quis que a obra de Cristo prosseguisse segundo o caminho que Deus já traçara, era Satanás. Já que Pedro como pessoa não podia ser dois no mesmo tempo, entende-se que a pedra sôbre a qual Jesus haveria de edificar Sua Igreja era a confissão de fé em Cristo. Cada pessoa que se converte a Cristo passa a fazer parte integrante da Igreja de Cristo, que se edifica sôbre a confissão de Cristo como Salvador. Como foi percebido, esta fé salvadora vem como dom de Deus, e o campo de atividade desta fé é a vida dedicada a levar adiante a obra de Deus, segundo o ensinamento de Deus e segundo as virtudes com as quais Deus capacita Seus servos.

O momento histórico que é chamado o "aniversário da Igreja", é

o dia de Pentecostes. Naquela ocasião, os apóstolos, já crendo em Cristo, e já por Ele doutrinados, receberam poder dos altos céus, a descida do Espírito Santo, para transformar suas personalidades, capacitando-os a enfrentar a missão que Jesus já lhes confiara. A presença do Espírito Santo concede poder para agir, compreensão das Sagradas Escrituras, e profunda comunhão com Deus. Recapitulando, pois, podemos dizer que a Igreja de Cristo, se reúne em torno dos mesmos ideais já descritos para a Igreja do Antigo Testamento, porém com a distintiva da fé em Jesus Cristo como sua vinculação com a eternidade, e com a presença do Espírito Santo para capacitá-la a viver à altura da sua doutrina e da sua vocação aqui na terra.

O ENSINO BÍBLICO NO ANTIGO TESTAMENTO

Para entender a unidade da Igreja, precisamos compreender sua origem e sua natureza; não há unidade nem acôrdo antes de se definir aquilo em torno do qual estamos elaborando.

As raízes da Igreja fundamentam-se nos princípios da história da humanidade. Quando Abrão recebeu sua vocação de Deus, sua comissão incluía: a) abandonar a tudo para seguir as diretrizes que Deus ia fornecer; b) desenvolver um povo especificamente de Deus, que seria abençoado em tudo segundo a promessa de Deus; c) ser uma bênção, para tôdas as pessoas em todos os tempos. Cada passo depende do passo anterior. Foi assim, que aconteceu com Moisés, cuja primeira incumbência era ser obe-

diente à sua vocação, enfrentando o poderio de Faraó; feito isso, era Deus quem operaria os milagres para forçar Faraó a deixar os israelitas saírem livres da escravidão, o primeiro passo para a obra de formar uma nação especificamente de Deus, cujas leis iam moldar cada pormenor da sua vida cívica. Assim Israel viria a ser uma luz para os gentios, um farol para guiar pessoas de todas as nações ao conhecimento de Deus. O padrão da "proto-igreja" ficou sendo: a) a fé com obediência; b) a formação de uma organização obedecendo à revelação divina; c) a missão de ser bênção e luz, levando outros a Deus.

No Antigo Testamento, esta organização recebeu o nome de QAHAL, a palavra hebraica que significa reunião ou assembléia. Quando se fala da "congregação dos filhos de Israel", refere-se ao plenário do povo de Deus reunido em assembléia, cada membro do povo contando também como membro da religião nacional. Nestas reuniões, deliberava-se como se deveria aplicar na situação do momento a revelação de Deus dada mediante seus profetas. Esta situação era mais comum na época de Moisés, pois no decurso da história do povo de Deus na Palestina, desenvolveu-se uma tendência de cada tribo procurar seus interesses particulares, e depois da divisão do reino de Salomão, dez tribos ficaram do culto no Templo em Jerusalém, com suas cerimônias religiosas acompanhadas pelos ensinamentos da Palavra de Deus e pela comunhão entre os fiéis. Depois do Cativoiro, uma nação reduzida e arrependida voltou a se reunir em Jerusalém para de-

bater todos os problemas nacionais e íntimos na luz da Palavra de Deus, Esdras cap. 10 e Neemias cap. 10.

Afinal de contas, em torno do que se reuniam os descendentes de Abrão? O núcleo desta união de geração em geração era a vocação de Deus, recebida pela fé. A doutrina desta união era o ensinamento de Deus. A finalidade desta união era viver esta vocação, esta doutrina, de maneira tão perfeita que sua atuação seria uma proclamação da glória de Deus manifesta na terra, uma comunhão dentro da qual os povos da terra são convidados a participar, para serem transformados aqui na terra segundo o modelo ideal que Deus oferece e para irem caminhando para a eternidade.

A ORAÇÃO DE JESUS

Jesus, na noite em que foi traído, orou em favor desta união dos seus seguidores. É bom destacar que não se trata de uma união de todos os habitantes da terra, e que não se trata de uma união na qual se despreza a doutrina essencial de Cristo. Jesus ora especialmente em prol dos seguidores que Deus lhe concedeu, Jo 17:6 e 9. Para saber como Deus concedeu estes seguidores, responde-se que era pelo caminho seguido por Pedro: Deus revelou a Pedro que Jesus é o Salvador divino, e Pedro confessa esta verdade, crendo nela e seguindo-a no seu viver, no seu ensinamento, na sua missão. Estes crentes já não são do mundo, não fazem mais parte integrante do mundo, v. 9. É a fé em Cristo que os coloca num outro plano, que os destaca do

resto do mundo, e que os torna em alvos específicos da intercessão de Cristo.

Muitas pessoas têm procurado dar a impressão que a oração de Jesus era feita no sentido de pedir ao Seu Pai celestial que os membros das Igrejas fôssem se conformar com algum govêrno central; para isto acontecer, os católicos acham que basta todos se entregarem ao Papa; outras igrejas acham que o que basta é formar um centro de debates de onde surgiriam as diretrizes da Igreja depois de cada grupo confessional ter dado sua opinião. Na prática as definições do Concílio Mundial das Igrejas, em suas várias reuniões, têm sido citadas por muitos como “decretos” e “dogmas”.

A idéia de reunir concílios com poderes para emitir dogmas surgiu no quarto século quando a igreja começou a ter poderes cívicos, e o Imperador quis resolver quem contaria como cristão para assim ser beneficiário das verbas governamentais. A Igreja começou a ser uma sociedade lutando pelas suas prerrogativas, e qualquer voz que chegava a discordar dela teria que ser silenciada pelo poder do Concílio. A Igreja Católica desenvolveu então, o costume de considerar como o pior dos pecados a separação de algum membro da Igreja: os demais pecados seriam devidamente perdoados pela organização eclesiástica. Os ecumenistas também consideram como pior dos pecados o fato de não se filiar ao seu movimento, mas não tendo autoridade imperial, alegam ter autoridade bíblica para isto, dizendo que o único desejo de Jesus Cristo era a união orgânica de todos os que crêem. As palavras

citadas neste sentido são as seguintes: “Não rogo sòmente por êstes, mas também por aquêles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam êles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste,” Jo 17:20-21. As primeiras palavras mostram que a oração de Jesus se estende a todos os fiéis de todos os tempos; depois, é a frase “a fim de que todos sejam um”, que tem levado muitos a colocar a unidade orgânica acima de qualquer outra virtude cristã. Só que o contexto mostra que o próprio Jesus definiu esta unidade: os crentes devem ser profundamente vinculados à Pessoa de Cristo, uma vinculação tão profunda, tão divina, tão sobrenatural, que reflète a própria união que há entre Jesus e Deus Pai. O resultado de uma vida tão profundamente religiosa por parte dos crentes será uma fortíssima impressão sôbre os que vivem ao seu redor, levando à sua conversão. O que persuade, afinal, não é a quantidade de órgãos e pianos tocando na igreja, nem o poder de uma grandiosa organização eclesiástica: é a qualidade da vida espiritual de cada crente.

Esta profunda união com Cristo não é algo imaginário; não é possível declarar que quem se vincula a alguma organização eclesiástica possui automaticamente algo tão precioso. Não, a união vem primeiro, pelo grande passo da fé verdadeira em Cristo; depois, desenvolve-se dentro do caminho que o próprio Deus preparou. Jesus disse: “Eu lhes tenho transmitido as palavras que me

deste e eles as receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste,” Jo. 17:8. Quer dizer que os verdadeiros crentes colocam sua fé numa mensagem autêntica provinda da parte de Deus. Quem não aceita esta mensagem, quem duvida desta mensagem, quem não se entregou a esta fé em Cristo, não é alvo desta oração, e não tem nenhuma união a buscar com os crentes. Uma união feita entre pessoas, para formar uma igreja, e que não se baseia sobre a fé em Cristo, e uma vida vivida de acordo com a Palavra de Deus, dentro da bênção e da inspiração do Espírito Santo, não é muito diferente da união que os sodomitas fizeram ao concordar juntamente em fazer o mal, Gn 19:4-5. O pior é que tal tipo de união é cuidadosamente calculada para enganar os crentes, fazendo que dão suas contribuições como se fôsse para a obra de Deus, mas afinal, desviando estas ofertas para um tipo de obra que está longe do espírito de Cristo.

Guardar a Palavra de Deus é algo que tem ficado fora de muitos debates sobre a união da Igreja. Não se podia insistir neste ponto quando a maioria das pessoas que integram as Igrejas católicas e ortodoxas gregas e russas, para não mencionar o modernismo teológico que invade as igrejas reformadas, põem em segundo plano a Palavra de Deus. Para não mais ofender a estes, estragando a possibilidade de reunião orgânica, despreza-se justamente a doutrina ao redor da qual a Igreja deve crer, viver e agir. Jesus descreveu os fiéis como aqueles que guardam a Palavra de Deus, João 17:6, justamente nesta oração que está pleiteando sua

união. A união da Igreja é em primeiro lugar união com Cristo, união na fé, união na doutrina. Se fizéssemos tanto esforço para ficar em comunhão com Cristo, como fazemos para fazer união com o mundo e união com apóstatas, a Igreja seria uma organização realmente sobrenatural, contando com a presença maravilhosa de Cristo em todos os seus caminhos. A maneira de os homens fazerem união é a seguinte: amalgam-se as igrejas como se fôssem grandes firmas ameaçadas pela falência, para ter mais riqueza, mais poder; DEPOIS de terem feito esta operação a substituir a verdadeira operação do Espírito Santo, alegam que é o Espírito Santo que está movendo nestas operações. Chegamos a ouvir um grande líder modernista, que sempre consegue estar no meio de qualquer reunião importante, declarar que o movimento comunista no mundo é obra do Espírito Santo. Esta afirmação, feita perante líderes das Faculdades Teológicas num Simpósio sobre o Reino de Deus, é pura blasfêmia contra o Espírito Santo, atribuindo-Lhe a obra do paganismo.

A exortação que o Apóstolo Paulo fez em prol da união entre os crentes é vazada nestes termos: “Esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz”, Efésios 4:3. Para definir bem a natureza deste apêlo, seria mister definir para quem a exortação era dirigida. Os primeiros três capítulos da Epístola descrevem pormenorizadamente tudo aquilo que Cristo fez em prol daqueles que nEle creem; descrevem o

poder de Cristo; descrevem a graça de Cristo que salva o pior dos pecadores, e que concede aos gentios a entrada nas bênçãos especificamente prometidas para Israel; descrevem a vocação de Paulo de levar o Evangelho aos gentios e sua oração para que todos os crentes se deixem habitar plenamente pela presença de Cristo. É somente entre as pessoas que receberam e conservaram tôdas estas verdades, crendo nelas e aceitando-as na sua vida, que poderá haver união cristã verdadeira. Neste caso, nem se trata de “esforços para produzir a união.” Trata-se apenas de PRESERVAR a unidade já espiritualmente existente entre os que realmente aceitaram a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. A melhor maneira de preservar esta unidade não seria abandonar algo da fé uma vez por tôdas entregue aos santos, para se acomodar com crenças falsas, formando-se assim uma união espúria; a maneira certa é avançar mais e mais no conhecimento de Cristo, na fé, na doutrina, na prática e na nossa missão na terra.

RESUMO :

Uma união feita em redor da Palavra de Deus, uma união feita com o intuito de aprofundar mais e mais a adoração a Jesus Cristo, uma união que está buscando poder dinamizador e santificador do Espírito Santo só pode trazer proveito real e eterno para a Igreja em todos os seus ramos. Em Cristo descobrir-se-ão todos os poderes, tôdas as qualidades, tôdas as garantias, tôdas as vantagens, tôda a felicidade, tôda a sabedoria, tôda a inspiração que o ser hu-

mano moderno possa almejar. A transformação no íntimo que o próprio Cristo produz, alteraria de tal maneira as relações humanas que as lutas entre classes, as guerras, uma boa parte da luta contra as doenças, nem precisariam surgir: em Cristo seriam saneadas antes de aparecer. Se as Igrejas realmente procuram em Cristo a plenitude de tudo aquilo do qual o homem carece, e se dedicam a procurar Sua vontade para nossas vidas, para que Ele pudesse transformar a humanidade segundo Sua inefável sabedoria, então já terão um alvo ao redor do qual podem desenvolver uma frente reunida. Se Cristo não é suficiente para elas, se procuram bajular o mundo para não serem perseguidas pelo mundo, se elas também são carnaís, ambiciosas, desobedientes à Palavra de Deus, deixam de ter uma mensagem para êste mundo; sem fé, sem missão, sem ética, sem mensagem, sem amor de Cristo, a igreja não precisa existir, pois já não é igreja. Não há nenhum proveito quando uma falsa igreja dêste tipo procurar união com outras igrejas para conservar sua própria existência que já não é uma existência “real”, uma existência com bases na vontade divina. Uma união feita entre igrejas desta natureza chegará um dia a ser uma mesa redonda tão “democrática”, que o próprio Deus só terá direito a um único voto.

A oração de Jesus recebe sua resposta em primeiro lugar, quando cada crente deixa sua vida ser totalmente transformada por Cristo, seu Redentor; aprenderá a ter a mente de Cristo em tôdas as suas

atitudes e as suas ações. Este crente deve fazer parte de alguma Igreja local, um agrupamento de pessoas de igual ânimo religioso, levando avante este mesmo espírito de comunhão profunda com Cristo. Quando este alvo começa a ser atingido no nível local e individual, será mais fácil sonhar com uma organização enorme totalmente permeada pela mente de Cristo. Por enquanto, parece que a organização ecumênica foi levantada para CONTRABALANÇAR A FALTA DE CRISTO NAS IGREJAS, compensar o baixo nível religioso com eficiência humana. Este caminho levará a uma Igreja sem Cristo, sem religião, sem mensagem.

Resenha Bibliográfica

O PROTESTANTISMO BRASILEIRO (Estudo de Eclesiologia e História Social), por Emile G. Léonard, tradução do manuscrito original em francês por Linneu de Camargo Schützer, São Paulo, Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1963, 354 páginas.

Para o leitor batista brasileiro o autor (já falecido em 11.12.61) é digno de respeito e confiança. Pesquisador de primeira, o historiador demonstra neste volume, o acúmulo de mais de quatro décadas de estudo profundos no campo da história dos protestantes.

Demorou-se durante cinco anos no Brasil, enquanto lecionava na Universidade de São Paulo. Esse fato poderia ser invocado para desautorizar a obra no campo que abrange. O costume de intensa investigação caracterizou o autor também neste trabalho a ponto de se tornar uma obra prima no assunto.

Existem pequenas falhas, como em matéria de datas. Na página 77 são erradas as datas de falecimento de Dr. W.C. Bagby e sua esposa. Os erros tipográficos que são notados talvez sejam de responsabilidade da Revista de História (São Paulo), que publicou a obra sob a forma de artigos. Parece que o autor dependeu apenas de manuscritos, jornais e livros, não procurando entrevistar líderes denominacionais. Não há evidência de entrevistas no roda-pé.

Muito interessantes são as razões apresentadas para fundamentar a

receptividade do povo brasileiro (católico) quando da entrada dos missionários protestantes. Carinhosamente descreve a entrada dos primeiros missionários e a reação que enfrentaram, bem como os maravilhosos frutos. Não tão ternamente, mas franca e objetivamente o autor traça as desavenças e resoluções em torno do problema igreja-mãe, que teve lugar em quase todos os movimentos protestantes, inclusive o batista.

O autor apresenta como fatores do desenvolvimento batista o sistema congregacional, o batismo público, o calor fraternal, o zelo, o caráter menos burguês e intelectualista. Na página 354 adverte que as igrejas protestantes terão de solucionar os problemas apresentados pelos pentecostais na posição de extravagância e depois na indiferença religiosa. Advertência cheia de significação!

Este volume merece a atenção de cada crente envolvido na vida evangélica do Brasil.

CONCÍLIO VATICANO II, Frei Boaventura Kloppenburg, Editora Vozes, Petrópolis, 1962-1965, 5 volumes, 2.495 páginas.

Nesta obra monumental o autor, professor de Teologia e Dogmática e perito da Comissão Teológica, procura *viver* o Concílio. Não é uma história no sentido de dar análise ou uma interpretação crítica do Vaticano II. Ao contrário, Dr. Kloppenburg relata dia a dia o que foi o Concílio. Anota

o número de bispos presentes em cada congregação geral, resume as intervenções mais importantes, descreve as modificações nos esquemas, e registra as votações. Não procura encobrir as diferenças de opinião entre os padres conciliares, nem esconde o combate travado entre a mentalidade conservadora e liberal.

São cinco volumes: um para cada sessão do Concílio e um documentário pre-conciliar. Este trás uma análise dos documentos, organismos e trabalhos que antecederam ao que se chama o XXI Concílio Ecumênico. O grosso de cada um dos demais volumes é dedicado a uma crônica das congregações gerais e aos documentos que surgiram dos trabalhos conciliares. Os esquemas mais importantes da primeira sessão (vol. II) são a renovação litúrgica, as fontes de revelação e a Igreja. A divisão entre os bispos é mostrada não só nos debates mas também em que depois de quatro meses e 36 congregações gerais apenas os princípios gerais da reforma litúrgica foram aprovados.

A segunda sessão (vol. III) foi dedicado principalmente a um novo esquema sobre a Igreja e ao ecumenismo. Este volume trás os seguintes documentos: "Constituição sobre a Sagrada Liturgia" e "Decreto sobre Meios de Comunicação". A terceira sessão (vol. IV) continua os debates sobre a natureza da Igreja. São aprovados estes documentos: "Constituição Dogmática sobre a Igreja" e os decretos sobre "Ecumenismo" e "as Igrejas Orientais Católicas." A última sessão (vol. V) termina os debates sobre vários documentos e trás os textos finais.

Não se pode avaliar o que a Igreja Católica Romana é e será na segunda metade do século XX sem um estudo desta "crônica" do Concílio Vaticano II.

Richard Sturz

"A BASE DA UNIDADE CRISTÃ"
por D. Martyn Lloyd-Jones, Casa da
Bíblia, São Paulo.

Este antigo pastor inglês, cujo sermão de natal teve o prazer de ouvir na sua própria igreja, há uns oito anos, sempre foi um influente líder entre aqueles que exigem que a religião cristã tenha por base a própria revelação que Deus outorgou aos homens, na forma das Sagradas Escrituras. Sua origem é o País de Gales, país dos grandes reavivamentos religiosos, e das grandiosas músicas sacras cantadas pelo povo reunido em culto, entre elas "Ó amante salvador" (aberystwyth).

O livro analisa em primeiro lugar quais são os caminhos que se oferecem para unidade da Igreja, segundo várias alas de pensamento. Depois, destaca quais são os capítulos da Bíblia aos quais apelam os defensores destas alas. Dr. Martyn propõe-se a tarefa de examinar estes trechos bíblicos para então descobrir a verdadeira natureza desta unidade.

O primeiro capítulo analisado é João, capítulo 17. A quem, examina-se o contexto total, e depois, os versículos que suscitam o debate ecumênico examinados à luz do capítulo inteiro. Frisa-se especialmente que esta oração de Jesus em prol da igreja que haveria de nascer, se restringe especificamente às pessoas que CRERAM em Cristo e que

OBEDECEM à Sua Palavra, e que já não mais pertencem ao mundo. Esta unidade será unidade profundamente RELIGIOSA, centralizada na comunhão profunda com a pessoa de Jesus Cristo. É a operação do Espírito Santo, fazendo os crentes co-participantes da natureza divina, que forma esta verdadeira unidade.

O outro capítulo analisado por Dr. Martyn é Efésios, capítulo 4. Aqui, o autor, ao mencionar os apêlos à unidade que ocorrem neste trecho, destaca o fato que este capítulo é endereçado às pessoas que preencherem as condições previstas nos capítulos anteriores: isto é, são salvos, convertidos, redimidos por Cristo, participando da vida de Cristo na terra, recebendo Seus ensinamentos, Suas bênçãos; e fazendo parte da Sua obra na terra. Esta plena união

em Cristo será pois, a única base aceitável para a unidade mencionada no capítulo 4. O apêlo central ao qual os ecumenistas se referem é "esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito," v. 3. Mas isto não manda "fabricar" a unidade, e sim "preservá-la." Não é uma unidade nossa, é a unidade do Espírito. Esta unidade é uma realidade entre os que realmente creem, pois já são unidos pela comunhão com o Espírito Santo.

A unidade a ser preservada é "um só Senhor" — a fidelidade a Jesus Cristo; "uma só fé" — a doutrina chave da justificação pela fé; "um só batismo" — o ato que é uma profissão de fé e uma vinculação ao Senhor Jesus Cristo. Dentro deste esquema, já há uma unidade; fora deste esquema, nenhuma unidade pode

a base da unidade cristã

ATUALÍSSIMO!

Da autoria do famoso pregador e escritor britânico, Dr. Martyn Lloyd Jones. O livro contém duas conferências que o autor fez a pastores na Inglaterra. Apologético sem ser polêmico, o livro trata em tom sóbrio o assunto tão importante da Unidade Cristã. Existe ela? Devemos fabricá-la primeiro? Não será a doutrina a causa da desunião? Quem faz parte desta unidade? Quais são as características dos que são verdadeiramente um? Estas e muitas outras perguntas o autor responde numa simples e objetiva análise de João 17 e Efésios 4. Quanta luz este livro poderá lançar nas trevas da confusão atual!

D. Martyn Lloyd Jones

Preço do livro: NCr\$ 2,00 — 80 páginas — capa em duas cores envernizada

Na sua livraria evangélica ou diretamente da

Casa da Bíblia

Rua Senador Feijó, 133 — Caixa Postal, 2.353 — São Paulo.

ser feita. A unidade só existirá dentro das verdades imutáveis do Evangelho. O caminho da unidade em nossos dias é reforma e reavivamento, dentro dos moldes da própria Palavra de Deus. Assim, e só assim, é que o Espírito Santo produzirá a verdadeira unidade. É este o argumento deste livro.

Gordon Chown

GALATAS — ESCRITURA DA LIBERDADE CRISTÃ, por Merrill C. Tenney, Edições Vida Nova Soc. Ltda., 1967, tradução do original inglês por João Bentes.

Trata-se de obra que pertence ao campo da exegese; diversa, porém, da linha seguida pelos comentários tradicionais. Apresenta o autor método original embora partindo de princípios e postulados comuns no trato exegetico da Palavra de Deus.

Avaliar, pois, a obra de Tenney é avaliar o método e a planificação que apresenta, uma vez que os mesmos podem e devem ser empregados para análise e interpretação de qualquer outra porção das Escrituras Sagradas.

O sistema apresentado por Tenney é altamente proveitoso para o estudioso da Bíblia. É antes de tudo autêntico, pois pretende analisar *o livro pelo livro*. O alvo é possibilitar o estudioso a, através da pesquisa, das diversas análises, da exegese, da interpretação, da aplicação dos diferentes sistemas e métodos chegar a um resultado pessoal e mesmo a descobrir revelações inéditas e originais na Palavra de Deus.

Para atingir este objetivo o exegeta se vale de todos os métodos de análise e assim ele critica,

UM NÔVO CURSO

- * **TREINAMENTO BÍBLICO**
- * **INTENSAMENTE PRÁTICO**
- * **ESTUDO CONCENTRADO**

TREINE-SE O MELHOR DIANTE DAS SUAS POSSIBILIDADES A
FIM DE SER UM *PASTOR* OU *LEIGO* BEM PREPARADO

INSTITUTO TEOLÓGICO BATISTA DE SÃO PAULO

RUA JOÃO RAMALHO, 466 — FONE 65-2148 — CAIXA POSTAL 30.259
PERDIZES - SÃO PAULO

esmiuça, pergunta, responde, compara, esboça, interpreta, sintetiza, historia, compõe tabelas e quadros comparativos, utiliza elementos de informação internos e externos. Enfim, exaure tôdas as perspectivas válidas para análise do texto em tela.

O livro de Tenney demonstra de forma clara os caminhos que devem ser tomados e consegue algo realmente admirável. À medida que avançamos em sua leitura, a epístola "fala" por si mesma. Os métodos aplicados pelo autor revivem de forma fiel, não sòmente os personagens e fatos históricos mas, com absoluta fidelidade recompõem o "pano" histórico em que viveram uns e aconteceram outros.

Dentro da estrutura montada pelo autor torna-se difícil salientar qualquer das peças uma vèz que cada uma tem sua função espe-

cífica na concatenação de todo o arcabouço que nos leva ao resultado final. Cada método tem o seu papel. Assim o sintético que nos dá uma visão do conjunto do livro ou o crítico que pesquisa todos os fatores internos e externos, intrínsecos e extrínsecos, autoria, destino, data, lugar, unidade etc. São, entretanto, menos originais que o teológico, o retórico e o de tópicos. Ou pelo menos estes últimos são mais desprezados pelos estudiosos. O método analítico, como apresentado pelo autor, merece destaque especial, pois, com fundamento nos anteriores, permite a elaboração de um "esboço mecânico", base para um esboço final que evidencia as relações de idéia e pensamento, associando a letra ao espírito e dando ensêjo à aplicação devocional, prática e útil e, porque não dizê-lo, muitas vèzes, razão final do esforço compreendido.



UMA EM CADA LAR

UM TESOURO DE CONHECIMENTOS

11.000 EXEMPLARES IMPRESSOS

EM QUATRO ANOS

PREÇO NCr\$15,00

OUTROS LIVROS DE GRANDE INTERESSE GERAL DA SÉRIE ENRIQUEÇA SUA ALMA. ESTUDOS SOBRE MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO, ATOS, ROMANOS, EFESIOS, TESSALONICENSES, APOCALIPSE, ETC.

— PROCURE NA SUA LIVRARIA EVANGÉLICA —

PEÇA UMA LISTA COMPLETA DOS NOSSOS LIVROS A
EMPREVIAN — C. P. 1.165 — ZC00 — RIO - GB

Trata-se de obra excelente. Acima de tudo, original. Abre perspectivas novas e inéditas no campo da exegese e dá, tanto ao pastor como ao leigo, possibilidades infinitas, com a aplicação do método recomendado, de descobrir verdadeiras jóias escondidas na Palavra de Deus à espera do “garimpeiro” que, com paciência, trabalho e iluminação divina, pode encontrar os mais puros e cristalinos “diamantes” encrustados na Palavra Eterna.

Cesar Thomé

REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA, XXVII, 2 (Junho de 1967), Editora Vozes, Petrópolis, 287 p., NCr\$ 5,00.

O número da *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)* em foco traz uma série de artigos e reportagens ao torno do bispado católico romano. Eis os títulos sugestivos dos artigos principais:

“A Perigosa Arte de ser Bispo Hoje”.

“O Poder Nativo e Originário dos Bispos”.

“O Episcopado Brasileiro”.

“A Fórmula de Juramento dos Bispos. Origem Feudal?”

“O Sínodo dos Bispos. Representação e Ação do Colégio?”

O primeiro, de autoria do Frei Kloppenburg, analisa o bispado sob 12 aspectos de sua missão à luz dos documentos do Vaticano

II. No segundo, o Frei Fábio Panini ataca o problema da autoridade nativa do colégio dos bispos de ser *indivisum subiectum* do único poder pleno e supremo de governo da Igreja.

Além dos importantes artigos há várias reportagens interessantes, inclusive uma sobre a situação atual da Igreja Católica no Brasil. Há uma tradução da recém-publicado diretório ecumênico, *Ad totam Ecclesiam*, que dá bases da ação ecumênica para a Igreja Romana. Ainda mais, este número da *REB* traz as diretrizes da VIII Assembléia Geral da Conferência Nacional de Bispos para a formação dos padres e a reestruturação dos seminários.

A *REB*, publicação trimestral para o clero católico romano, tem por redator o teólogo Frei Boaventura Kloppenburg. Os artigos, escritos por peritos, sempre põe o leitor a par da situação ou do assunto que está em aprêgo. Escritos para o clero, os artigos têm uma candura que não se encontra em material que aparece nos jornais e revistas. Em tempos passados a Editora Vozes tencionava ser “conservador”. Últimamente, mórmente desde Vaticano II, tem seguido a linha renovador. A *REB* está na vanguarda deste movimento.

Richard Sturz